

AMAE

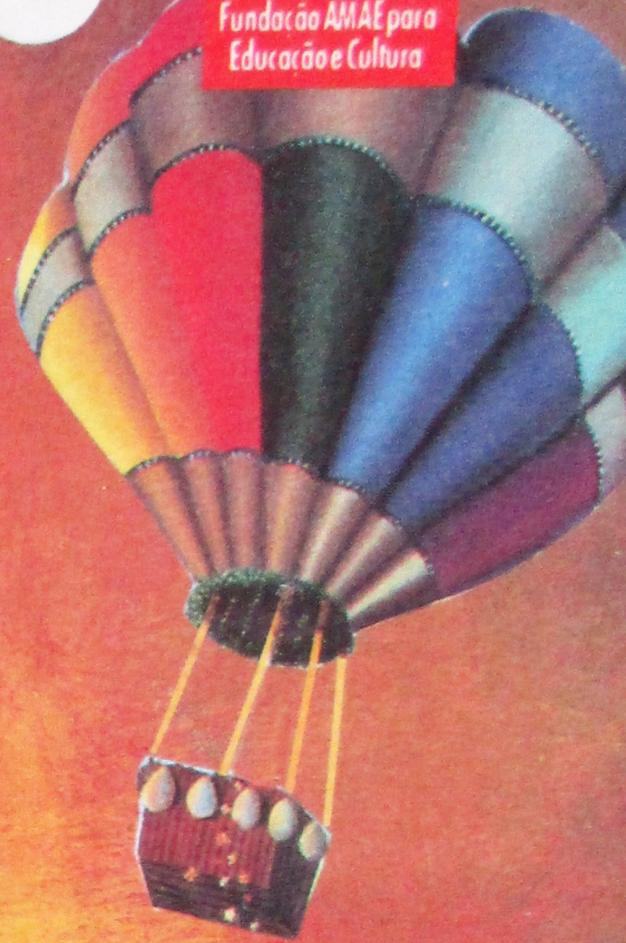
Ano XXVII - Nº 245 - agosto de 1994

ISSN 0102-0471



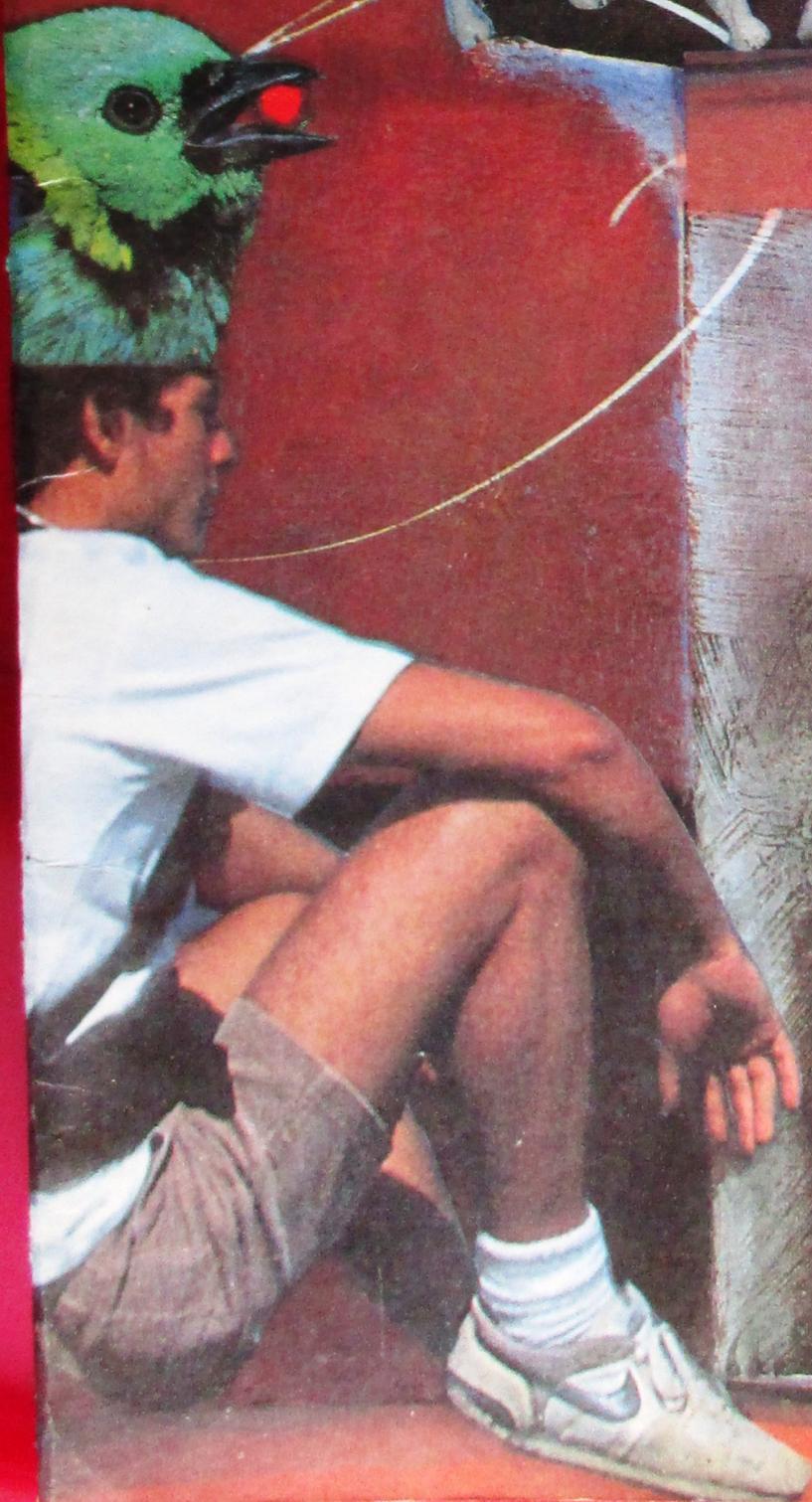
Fundação AMAE para
Educação e Cultura

educando



ENSINO ESPECIAL

À MARGEM
DO CAMINHO



Novos Lançamentos

AMAE

COLETÂNEA AMAE

VIDA NA ESCOLA

Os caminhos do saber coletivo



CADERNOS EDUCAÇÃO BÁSICA

SÉRIE
Institucional

• 6 •

A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES E
ALUNOS LEITORES



MEC

PEÇA JÁ O SEU EXEMPLAR

Fundação AMAE para Educação e Cultura

Av. Bernardo Monteiro, 861 - CEP 30150-281 - Belo Horizonte/MG - Fone: (031) 224-5400

OU NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS DA FUNDAÇÃO AMAE

Editorial

UMA EDIÇÃO "ESPECIAL"

Falar de ensino especial em um país onde sequer a educação dita "normal" dispõe das oportunidades necessárias para evoluir é tarefa difícil, mas fundamental. Por isso, este número de *AMAE educando* publica diversos artigos sobre o assunto, analisando-o sob vários ângulos. Todos têm em comum a convicção de que o ensino especial é sério e viável, importante demais para determinados seres humanos para que seja tratado com displicência.

Várias questões são discutidas, inclusive a mais séria de todas: o ensino especial é mesmo necessário? Acreditamos que sim, pelo menos neste momento, mas estamos certos, sobretudo, de que este é um setor específico, que demanda análises mais apuradas e que ainda tem "muito chão pela frente".

É com felicidade que entendemos que lá se foi o tempo em que a diferença era domada com a segregação, o isolamento. Salvo raras e tristes exceções, hoje o meio educacional tem sido mais solidário com as crianças "especiais", dando-lhes a chance de participar de um cotidiano pelo menos muito próximo do vivenciado pelas outras crianças.

No entanto, o caminho é longo e, como na educação como um todo, o ensino especial precisa ser exaustivamente discutido e depurado, em busca de um tratamento mais digno ainda para as crianças. Com esta edição, esperamos estar contribuindo para que esse setor educacional seja mais uma vez motivo de reflexão para os educadores brasileiros.

NESTA EDIÇÃO

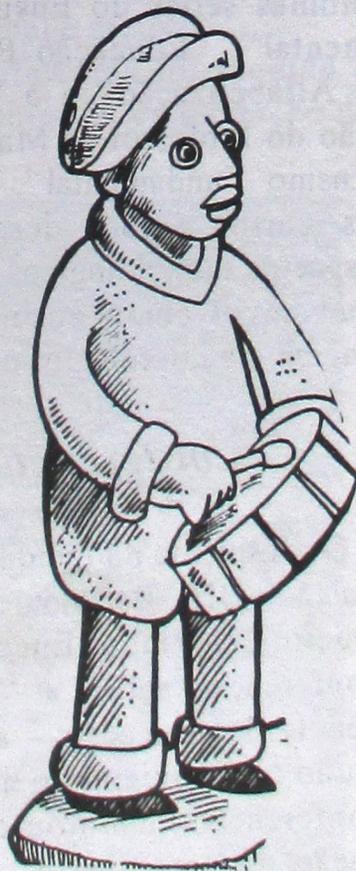
6 Ensino Especial - (capa)
Os desafios, perigosos e solucionáveis, da educação especial

9 Uma educação alternativa e itinerante

13 Uma escola exclusiva para alunos "excepcionais"

17 Literatura
A eterna magia dos contos de fada

20 Comemorações
Uma análise sobre a importância e a imortalidade do Folclore

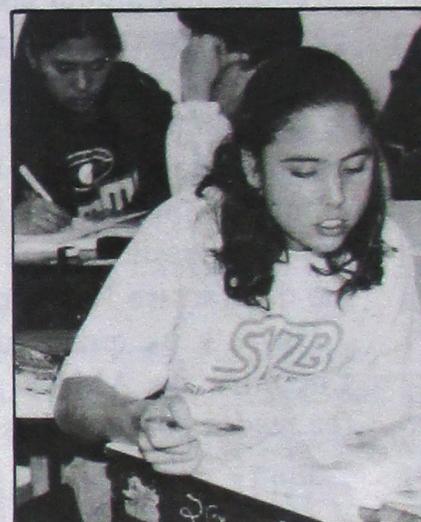


22 Opinião
O vestibular no banco dos réus

24 Relato de Experiência
O conflito de gerações dentro da família



27 Geografia
Como estudar os contornos do mundo no ritmo da música



34 Administração Escolar
A importância do projeto pedagógico para a escola

SEMPRE EM AMAE educando

Boletim	4
Ética	23
Extraclasse	32
Plantão IAC	38
Calendário	39
Em foco	42
Conte um Conto (encarte)	

ENCONTRO NACIONAL EM SÃO JOÃO DEL-REI

lar que está sendo realizado na Escola da Vila, nos últimos três anos. Após a conferência de Maria Cristina, foi a vez do relato "Reconhecendo nossa Terra, investindo no prazer de aprender", das educadoras do Centro Pedagógico Catavento de São João del-Rei, Maria Lúcia Monteiro Guimarães e Maria Aparecida Rodrigues Moreira e do Relato "Capacitação docente e elaboração de material didático na área do conhecimento geográfico", de Maria Raimunda da Silva Trindade, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A educadora Marília Claret Geraes Duran, também da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (SP), proferiu a última conferência do encontro, sobre "A construção do saber docente". Seu enfoque centrou-se na formação acadêmica do professor; na

Sessão solene de abertura no Teatro Municipal em São João del-Rei



Jacó - (SMG)

Arquivo AMAE



Os cursos possibilitaram a reflexão sobre o significado do saber e do fazer pedagógico

construção da prática no cotidiano da escola e, sobretudo, na formação em serviço e atualização profissional no contexto social e pedagógico, além da relação dessa formação com a visão de totalidade do aluno enquanto sujeito histórico, social e afetivo.

Sua conferência foi seguida de relatos sobre "A capacitação do-

cente no processo de construção da escola", apresentada pelas educadoras Maria Pilar Lacerda, Leda Andrade e Silva e Maria Inês de Almeida, do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte - CAPE - e "Construção do saber docente" apresentado por Maria Aparecida Machado e Madalena Fernandes Rabelo, do Departamento Municipal de Educação e Cultura de Nova Lima (MG).

O 26.º Encontro Nacional da AMAE, que contou também com o apoio das Secretarias Municipais de Educação e de Cultura e Lazer de São João del-Rei, registrou o mesmo sucesso obtido em todos os encontros da AMAE realizados até hoje. A presidente da Fundação AMAE, Dalva Cifuentes Gonçalves, saudou os educadores "que têm comparecido por três, quatro, dez, vinte e até vinte e seis anos, teimosamente, porque acreditam que a educação depende muito do esforço contínuo e persistente de cada um de nós, onde quer que estejamos".

UM DESAFIO EXCEPCIONAL

as questões que envolvem o ensino especial

A educação especial enfrenta o problema da falta de recursos e de tratamento adequado. Entre o preconceito e a marginalização, o desafio é duplo: como garantir o ensino de qualidade e respeitar a identidade do aluno?

Elizabeth Dias de Sá*

"Aquilo que não é consequência de uma escolha não pode ser considerado como mérito ou fracasso. Diante de uma condição que nos é imposta, é preciso encontrar a atitude certa."

M. Kundera

Não é novidade reafirmar que a escola, longe de promover a equalização social, constitui-se como um dos instrumentos de reprodução da cultura dominante e de marginalização das camadas populares. Os mecanismos de segregação e de exclusão são amplamente praticados. A escola, que deveria ser para o povo, volta-se contra o povo como mostra Magda Soares em seus escritos. O aluno pobre é massacrado pela dominação que produz e reproduz o fracasso escolar. Pobre do aluno que, além de pobre, é portador de alguma deficiência física, sensorial ou mental! Para esses, a escolarização é uma conquista e um desafio permanente porque a escola espelha e espalha estigmas. Que tipo de escola é a mais adequada para tais alunos? Quais são e como são os professores desses educandos? Onde e como se formam? Quais são os pressupostos e os paradigmas da educação especial? Pretendo, apenas, enunciar algumas questões, sem ousar esgotá-las tão abreviadamente.

A quem serve a escola especial?

Comumente, ouvimos dizer que a escola não está preparada para receber este ou aquele aluno que apresente algum comprometimento acentuado de suas faculdades físicas, sensoriais ou mentais. Via de regra, recomenda-se o encaminhamento para uma escola especial ou exige-se uma avaliação autorizada de que o aluno

está em condições de acompanhar os demais. O mesmo acontece com os educandos que conseguiram ingressar na escola e não apresentam aproveitamento compatível com a *performance* exigida. Ficam estagnados vários anos, sem esperança de aprovação. O recurso é encaminhá-los para diagnóstico médico ou psicológico na expectativa de confirmação da suspeita de deficiência mental leve. As dificuldades específicas de aprendizagem são deslocadas para a escola especial que é concebida como uma espécie de "habitat" de excepcionais. Comunga-se a idéia de que é o lugar propício porque reúne as condições apropriadas ao atendimento de sua clientela; número reduzido de alunos em cada turma, classes relativamente homogêneas, pessoal habilitado, currículos adaptados, equipes interdisciplinares, recursos materiais e pedagógicos adequados, atendimentos complementares...

Quem garante que tais escolas, a rigor, apresentam as condições apontadas? Até que ponto a segregação de alunos não serve à ocultação e mascaramento dos problemas escolares? As escolas especiais, por algum motivo, estarão imunes ao sucateamento e depalperação das escolas públicas, em geral? Não estará a qualidade do atendimento igualmente comprometida? Não será uma ilusão ou uma defesa acreditar que estão devidamente capacitadas para atenderem sua clientela? Qual será, de fato, sua legítima clientela?

Para MAZZOTTA (1993), "*as classes especiais e as escolas especializadas, públicas ou particulares, não têm evidenciado os resultados de sua atuação no sistema escolar. Por outro lado, o desconhecimento de seu papel tem acarretado, muitas vezes, sua disfunção, transformando-as em depositários dos problemas de aprendizagem, detectados nas escolas, contribuindo para solidificar mitos e slogans sobre suas desvantagens e prejuízos. Além disso, tem-lhes sido imputada a função ideológica de discriminação negativa e dissimulação das dificuldades impostas às crianças das classes populares. Confundida como panacéia para o fracasso escolar produzido, a educação especial tem*

* Psicóloga

Coordenadora do Núcleo de Educação Especial do Centro de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação - CAPE - Prefeitura de Belo Horizonte/MG

“O lugar da educação especial é o da marginalidade”

sua validade posta em dúvida, principalmente para os educandos deficientes mentais. Em tal contexto, fica comprometida a realização do direito à educação escolar. Quando muito, permanece a possibilidade de educação como parte de programas de habilitação e reabilitação fora do sistema escolar. O encaminhamento para superar tal situação envolveria, de um lado, a clarificação do significado de seu papel e, de outro, uma avaliação objetiva de seu desempenho.”

Convém ressaltar que algumas escolas especiais públicas ou privadas, salvo raras exceções, oferecem somente o ensino fundamental de primeiro grau. Os alunos que pretenderem dar continuidade aos estudos devem arriscar seu ingresso nas escolas comuns, submetendo-se a uma situação contrastante entre a modalidade de ensino segregado – centrado em suas necessidades – e o ensino integrado completamente centrado nas necessidades do aluno comum. Existe um hiato entre uma situação e outra que pode ser atenuado através da implantação de salas de recursos e outros serviços de apoio.

O lugar da educação especial é o da marginalidade. Não é por acaso que tem sido objeto de concepções errôneas e de falsos pressupostos. Uma compreensão profunda do significado da escola especial revela algo mais complexo tão bem sintetizado nesta passagem extraída da elaboração teórica da experiência da Prefeitura de Porto Alegre (1989/1992). *“Tanto quanto a classe especial numa escola regular, a escola especial é um espaço de exclusão social da mesma ordem – guardando-se as proporções – de um manicômio. Na ordem social, parece intolerável conviver com os diferentes. Eles ferem profundamente os componentes narcísicos da maioria das pessoas. O surgimento das Associações de Pais dos Excepcionais, embora demarcante do escancaramento de algo que estava recluso na família, manifesta o desejo de compartilhar, socialmente, a contigência da excepcionalidade. Entretanto, o surgimento dessas instituições mantém ou pouco ultrapassa a estagnação de guarda ou assistência por estarem suportadas pelo ônus da culpa de ter gerado, na família e na sociedade, um indivíduo marcado pela não-eficiência. Este circuito característico das armadilhas que se colocam os seres humanos não pode ou pouco pode ser atravessado ou mediatizado pelo pensamento, juízo crítico ou pela capacidade de elaborar e entender as situações, ficando a aprendizagem negada sistemati-*

camente nos espaços das escolas especiais, sobrepondo-se o mandato de não-aprender.”

Nem todas as escolas especiais cumprem seu papel primordial enquanto espaço de aprendizagem, sobretudo quando se trata de educandos portadores de deficiência mental ou outras síndromes. As escolas destinadas, exclusivamente, a alunos ou deficientes visuais ou auditivos conseguem cumprir este papel tanto quanto a maioria das escolas regulares de ensino comum. Ou seja, estão igualmente sujeitas às precariedades das condições e ao questionamento da qualidade de ensino, distinguindo-se, talvez, pela preponderância do assistencialismo. Não se pode negar, porém, o fato de tais instituições representarem demanda de abrigo, tornando-se redutos de segregação e adstramento. As famílias sentem-se aliviadas quando encontram um lugar para seus filhos. Resignam-se diante da “profecia” de semi-alfabetização ou do mínimo de escolarização possível dentro de um tempo máximo. A peregrinação em busca de uma escola ou “abrigo temporário” e o convívio com “nãos e senões” obscurecem a consciência crítica, inibida pelas investidas de aceitação, emergência de sentimentos de “menos-valia” e atitudes de gratidão.

Outra característica dessas escolas é a prevalência do enfoque clínico sobre o pedagógico. Os profissionais estão aprisionados à condição orgânica dos indivíduos excepcionais como definidora de limitações e incapacidades. Muitas vezes, o aluno é submetido a um ritual de exames e intervenções terapêuticas que, se não o retira da sala de aula, contribui para restringir as atividades pedagógicas. Além disso, nem sempre se verifica – como seria desejável – o intercâmbio produtivo entre os profissionais da educação e da saúde e ainda menos em termos de sistema interinstitucional. As escolas são redutos isolados com pouca ou nenhuma autonomia e poder de articulação. Essa situação engendra um modelo assistencial e educacional que tem efeitos significativos na vida de seus beneficiários. Mais uma vez, o estudo de Porto Alegre é oportuno para explicitar tal realidade: *“A descontinuidade dos segmentos de educação e saúde é marcada pelo fenômeno da medicalização entre ambas e como um dos elementos do fracasso escolar, criando-se uma relação perversa, na qual os problemas escolares passam a ser tratados do ponto de vista patológico. Em se tratando de escola especial, essa situação de convivência cotidiana tende a cris-*

“Nem todas as escolas especiais cumprem seu papel primordial enquanto espaço de aprendizagem, sobretudo quando se trata de educandos portadores de deficiência mental ou outras síndromes”

talizar-se, institucionalizando-se a patologia da qual sua população discente é portadora. Isso resulta no distanciamento do compromisso social da escola, esvaziando-se do sentido pedagógico e transformando-se num espaço eminentemente clínico.”

A modificação deste contexto depende de certa disponibilidade de mudança de postura dos profissionais de educação especial no sentido da revisão de concepções e pressupostos equivocados. Isso implica em adesão a novos paradigmas que concebem o indivíduo excepcional como sujeito desejante, inscrito no estatuto do direito e da cidadania. Para isto, é preciso desmobilizar a diferença enquanto desigualdade e inferioridade, compreendendo as deficiências como uma das contingências do ser humano que o torna vulnerável diante do outro e que esse outro se torna vulnerável diante da deficiência.

Nesta perspectiva, conforme sugere o estudo de Porto Alegre, os profissionais de educação especial enfrentam o desafio de “ressignificar” as pressões marcadas pela excepcionalidade na direção da reconstrução da imagem da instituição, redimensionando os papéis de professor/ensinante e de aluno/aprendente. Neste sentido, as concepções sobre educação especial precisam continuar sendo revistas e incorporadas no desafio de refletir o lugar da escola especial como reprodutora de estigmas sociais. Enquanto professor, o pressuposto é pensar: que marcas da deficiência que rotula meu aluno impedem ou não que eu enfrente o desafio de desenvolver suas possibilidades de aprender? Como desafiá-lo? A escola especial pode ter significado em si que nada tem a ensinar para aquele que nada tem a aprender. Nada tem a aprender como se ensina porque, se o aluno não tem nada a aprender, não é preciso aprender a ensinar. Mas, o inovador é desfazer esse equívoco e sair dessa imobilidade, pois quem pode ensinar o que esses alunos podem aprender são os professores, descobrindo como aprendem e possibilitando, então, possíveis surpresas a todos nós.

Uma concepção estreita de escola especial como *locus*, por excelência, da educação especial, é resultante do confinamento e marginalização dos sujeitos considerados “improdutivos”, “incapazes”, “anormais” que representam um ônus para a sociedade. Estes sujeitos são destinatários do assistencialismo social, religioso e filantrópico, excluídos do convívio natural com os “normais” pela tutela das famílias e das instituições. Neste sentido, a escola especial torna-se, de fato, apên-

dice de reprodução de estigmas e cumpre o duplo papel de depositária dos problemas escolares e panacéia do fracasso escolar produzido. A educação especial não se constitui como sistema educacional autônomo. Consiste no aparelhamento de recursos, instrumentais, serviços e alternativas colocadas à disposição dos educandos (independente da faixa etária ou grau de ensino em que se encontram em situação temporária ou definitiva de excepcionalidade).

Segundo MAZZOTTA (1992), “*trata-se de recursos e processos especiais utilizados para atender apropriadamente educandos com necessidades educacionais especiais. Cabe destacar que educação especial e excepcionalidade são condições necessariamente mediadas pela educação comum. Em outras palavras, sem a mediação da educação comum, não há excepcionalidade, nem educação especial. Essa importante distinção nem sempre ocorre ou sequer é percebida na definição das políticas públicas nesta área.*”

O enfrentamento destas questões não depende, exclusivamente, dos educadores que não podem ser responsabilizados pelo malogro das políticas públicas. Mas, não devem eximir-se do compromisso com a defesa intransigente dos princípios democráticos de universalização do ensino e garantia da escola pública de boa qualidade para todos, sem qualquer tipo de discriminação.

Bibliografia

- HICKEL, N. Um olhar especial na educação - contribuição do construtivismo para a educação especial. In: Construtivismo Pós-Piagetiano. Organizadoras: Esther Pillar Grossi e Jussara Bordin. Vozes, 3.ª edição.
- MAZZOTTA, M. J. S. Trabalho docente e formação de professores de Educação Especial. E. P. U. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1993.
- _____. O portador de deficiência e o direito à educação. Revista Insight, n.º 32, agosto 1993. p. 25.
- SÁ, D. E. A integração do aluno deficiente visual no curso secundário - diagnóstico da situação. Revista Integração. São Paulo, 1993.

SOLUÇÃO ITINERANTE

um programa alternativo de educação especial

*Recuperar desejos, confiança e capacidade de aprender...
Essa estimulante trilogia é parte do vocabulário da equipe da
APAE de uma cidade mineira, onde um programa itinerante
transformou o ensino especial em uma alternativa crítica e viável.*

Dayse Helena Viglioni Pena Krebsky*
Rosa Maria Viana Marinho Drummond**
José Luiz de Carvalho***

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE - de Lavras foi fundada em 1973 e através de sua Escola Clínica Marieta Castejon Branco/Centro de Habilitação e Educação Especial ficou como a instituição, na cidade e na região, que poderia atender as crianças e adolescentes considerados excepcionais, embora este termo fosse empregado de forma imprecisa e genérica, envolvendo também todos aqueles considerados inadaptados no ensino comum. Assim, cada vez mais chegavam os que fracassavam na escola regular, tanto por limitações pessoais como pelas deficiências da própria escola, constituindo um grupo heterogêneo, formado pelos alunos considerados incapazes ou difíceis, nomeados pelo próprio fracasso, e todos marginalizados de uma ação (e relação) educativa eficaz.

Cabia à APAE, portanto, ficar como a última possibilidade, ou um abrigo, muitas vezes vista pelo aluno e por sua família, como uma punição pelo próprio fracasso, já que nem sempre o encaminhamento para a APAE era feito com o esclarecimento adequado. Assim, a escola especial era identificada pelas pessoas como uma condenação, o que aumentava a resistência da família em ajudar o filho em dificuldades, agravando e perpetuando



A oficina de sucata é uma das atividades desenvolvidas pelos educadores itinerantes da APAE

a situação. Ao mesmo tempo a APAE percebia que, se havia muitos que buscavam a escola especial como um lugar apropriado onde sua deficiência seria considerada e suas necessidades especiais atendidas, havia os outros que, como já foi mencionado, apresentavam necessidades que exigiam uma prática educativa alternativa, estimulante, mas possível em seu próprio meio, ou seja, na escola regular onde encontrava-se matriculado. E se a APAE apenas aguardasse aqueles que aceitassem ou pudessem vir, ficaria de certa maneira omissa frente a

*Regente do Programa - APAE

**Coordenadora Educacional da APAE

***Psicólogo e Diretor-Geral da APAE
Lavras - MG

Proposta de trabalho para 1994

O Programa foi iniciado este ano com aproximadamente 242 alunos participantes, sendo 129 novatos, além de 113 que já eram atendidos no ano anterior, com maior envolvimento da equipe da APAE no treinamento do pessoal das escolas participantes.

Além do texto básico entregue às escolas participantes com orientações sobre as atividades complementares, anteriormente descritas, a serem desenvolvidas pelo menos 3 vezes por semana em períodos de 60 minutos cada, na própria escola, a APAE oferece ainda:

- quatro seminários por ano, para avaliação e supervisão do programa;
- quatro treinamentos por semestre, para os professores participantes, desenvolvidos pela equipe da APAE, nas áreas de: psicomotricidade, coordenado pela terapeuta ocupacional da APAE, Fala e Expressão, coordenado pelas fonoaudiólogas da APAE; Oficina de Sucata, coordenada pela pedagoga e coordenadora educacional da APAE; uma nova relação com as famílias, coordenado pela psicóloga e coordenadora clínica e pela assistente social da APAE.

- acompanhamento periódico do programa nas escolas participantes pela regente do Programa, para orientação ao professor, participação em reuniões de pais e esclarecimentos sobre as atividades desenvolvidas;
- acompanhamento do Programa de Atendimento Ambulatorial da APAE, dentro da disponibilidade do mês, para os alunos que necessitam de assistência médica pediátrica e neuro-psiquiátrica, atendimento em fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia.

Com esta proposta, constantemente revista e atualizada, e com os resultados obtidos, até então, conclui-se que este é um Programa eficiente, representando uma boa sugestão já que muitos alunos difíceis e desajustados, geralmente nomeados e punidos por um fracasso que é de todos, ao invés de serem definidos precipitadamente como excepcionais, no sentido de incapazes, podem recuperar sua confiança, seu desejo, sua capacidade de aprender, e assim tornar-se participantes da escola e responder favoravelmente. Tudo é possível na medida em que a escola aceita o desafio de questionar a educação regular, imposta e monótona para eles, e propõe uma nova modalidade de educação especial para aqueles que dela necessitam. ●

conversa com o leitor

Parabéns

Gostei imensamente da maneira como vocês melhoraram a exposição dos assuntos contidos no meu artigo - Projeto de Ser - rev. n.º 244 de junho de 1994.

Ficou muito bom a "Definição de termos" colocada em destaque na coluna da direita. Tanto quanto achei o título dado ao artigo bastante apropriado.

Apreciei também os destaques de algumas frases no alto da página e, inclusive, a ilustração do menino diante do espelho refletindo uma imagem positiva e outra negativa. Excelente, também, as questões para reflexão e debate, no final do artigo, muito oportunas e inteligentes.

Realmente, vocês da redação e diagramação da revista estão de parabéns.

Professor Carlos França
Campinas/SP

Fique alerta

Temos recebido vários pedidos de doação da assinatura de **AMAE educando**. Informamos aos nossos leitores que lamentavelmente não conseguimos ainda patrocínio para nossas publicações, o que dificulta à Fundação estabelecer uma cota de doações. Esperamos que, num futuro muito próximo, possamos atendê-los.

Informação

Gostaria de saber onde adquirir o livro "Ler e Dizer" de Elie Bajard, anunciado na revista n.º 243, de maio/1994.

Helena Maria de A. Arantes
São Paulo/SP
Neide Araújo Castilho Teno
Dourados/MS



Você poderá adquirir este livro através da Cortez Editora, à Rua Bartira, 387, São Paulo/SP - CEP 05009-000 - Fone: (011) 864-0111.

UMA ESCOLA MUITO ESPECIAL

o ensino especial como um mal necessário

Uma escola mineira decidiu encarar o ensino especial como um mal inevitável – um ritual a caminho da libertação –, investiu na qualidade e derrubou estigmas, alcançando bons e inovadores resultados.

Valderez Alvares de Freitas Valle*

“Nós acreditamos no valor da Educação para melhorar os homens e o mundo... apesar dos determinismos biológicos e/ou sociais.”

Edouard Claparède

Nos anos 60 – 30 anos depois da chegada ao Brasil de Helena Antipoff – ainda sob sua inspiração, foi criado o Centro Médico Psicopedagógico de Minas Gerais, do qual surgiu o Instituto Brasileiro Edouard Claparède – o IBEC, uma escola de reeducação para alunos inteligentes, de 1.ª a 8.ª série do 1.º grau, prejudicados por problemas nas áreas de psicomotricidade e/ou sociabilidade, com conseqüentes distúrbios de aprendizagem. É considerada uma escola benemérita pelos resultados alcançados com mais de 3.000 alunos, ao longo de quase 30 anos de atividades no campo da psicopedagogia.

Uma escola com nome de Edouard Claparède, como a “Casa dos Pequenininhos”, fundada por ele mesmo, em Genebra, deveria ser, no mínimo, cercada de verde por todos os lados e com todas as janelas abertas para a alegria, para a autonomia, para o sucesso. “Mais triste que ver crianças sem escolas é ver escolas massacrando crianças”..., roubando-lhes a infância, impedindo-lhes o lúdico, reprimindo a criatividade, oprimindo a dinâmica de relação do indivíduo com o grupo e com o mundo, deixando de oportunizar um atendimento personalizado – sob medida – que ajude o aluno a vencer suas dificuldades.

Ainda hoje – apesar de Claparède, de D. Helena, de Jean Piaget e outros – poucas são as escolas que se preocupam com aqueles alunos que vão ficando à margem do caminho e que acabam buscando atalhos alternativos, quase sempre ineficazes ou proscritos.

No Brasil – onde a maioria da população se encontra em calamitoso estado de carência, com 35% de indigentes – é grande o índice de crianças que apresentam distúrbios de aprendizagem e conseqüente fracasso escolar, haja vista a repetência e/ou evasão das escolas públicas e particulares, cada vez mais assustadoras. Seriam os alunos inadequados às escolas ou as escolas inadequadas aos alunos? Estariam as escolas regulares preparadas para ajudar o aluno a ser um vencedor, apesar de todos os determinismos? Estariam as escolas regulares estruturadas para um trabalho sistematizado de prevenção e/ou de recuperação dos distúrbios escolares? Estariam as escolas regulares ocupando o seu papel de oportunizadoras do conhecimento lógico e social através do prazeroso processo de construção da aprendizagem? Infelizmente, achamos que tais escolas não estão preparadas para a prevenção e recuperação dos distúrbios escolares e não valorizam o produto enquanto conseqüência do processo de aprendizagem a nível

Trabalho pioneiro

Helena Antipoff desembarcou no Brasil – nos idos de 1930 – com os ideais e as idéias de Edouard Claparède, seu mestre e mestre de Jean Piaget. Foi ela quem iniciou em Belo Horizonte o movimento psicopedagógico pioneiro no Brasil e na América Latina. O primeiro laboratório de psicologia para diagnóstico dos distúrbios da aprendizagem e para orientação escolar foi organizado e dirigido por D. Helena, na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. As primeiras indagações e explicações sobre fracassos escolares; o papel da escola como estimuladora do saber; o saber institucional na recuperação ou na prevenção desses problemas; a sensibilização e treinamento da equipe psicopedagógica; a sistematização de um plano pedagógico básico e viável e a construção do material adequado, tiveram início no laboratório de D. Helena e de suas alunas, entre elas Maria Sylvia Machado, fundadora do IBEC.

* Pedagoga

Diretora do Instituto Brasileiro Edouard Claparède - IBEC - Belo Horizonte/MG

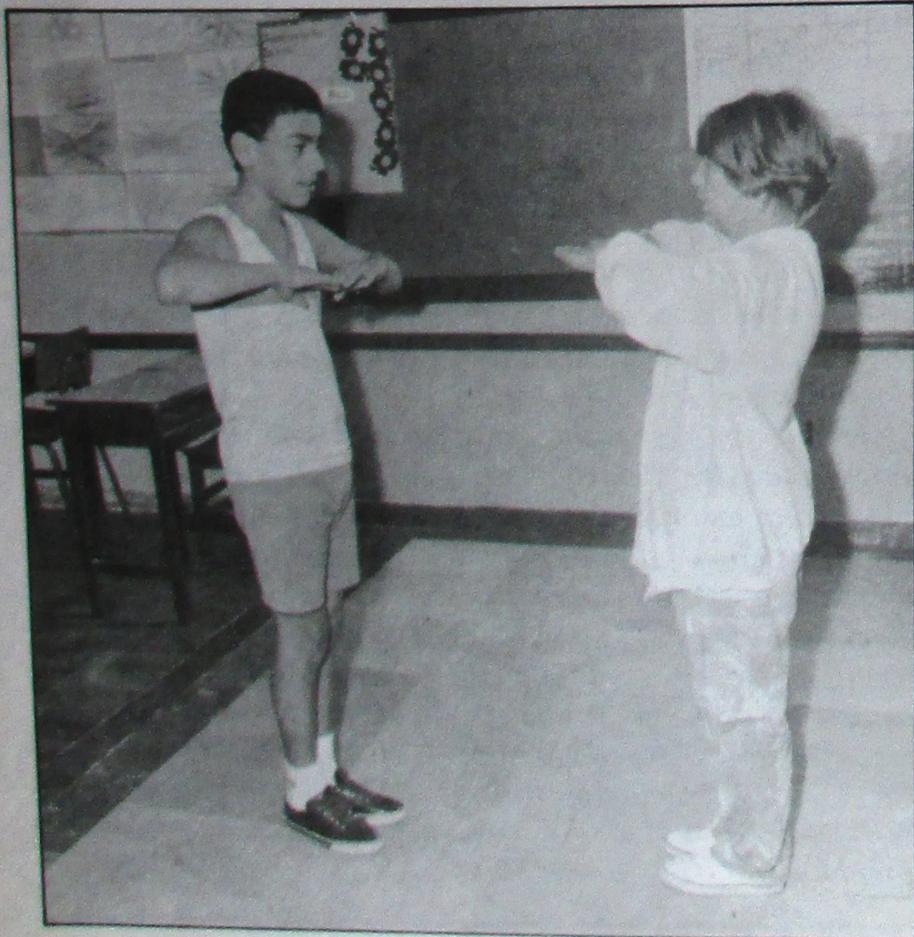
pessoal, apesar do grupo, pois sem o grupo não acontece aprendizagem. Por isso mesmo, a escola especial ainda é necessária — um mal necessário — do qual o aluno deverá se libertar logo que possível, integrando-se normalmente.

O IBEC, descobrindo e ajudando seus alunos a se recuperarem dos problemas causais do fracasso escolar, reafirma: o que importa não é estar além ou aquém dos limites medianos, mas conseguir o desenvolvimento máximo possível e, pelo menos, o mínimo necessário à realização do projeto proposto.

No esforço da busca de qualidade, temos trabalhado comprometidos com:

- Uma filosofia clara e definida no sentido de reeducar para recuperar — não só a média mínima em nota — mas a competência máxima necessária ao desempenho da tarefa proposta, a começar por viver e conviver, ler e escrever, pensar e realizar, produzir e cooperar, interagir e resolver conflitos, pesquisar, selecionar e mudar.
- Pessoal selecionado, competente (curso superior e de especialização), engajado num projeto coletivo e compartilhado de sensibilização para os objetivos e metas condizentes com a filosofia da escola e sistematicamente treinado para ajudar o aluno a superar o fracasso escolar, através de: reuniões semanais (uma geral, duas individuais) cursos bimestrais, (internos) e outros esporádicos e/ou externos.
- Atendimento global e integrado ao aluno, através dos serviços de apoio da comunidade (médico-psicológico e outros) de acordo com as necessidades individuais. Toda a infra-estrutura da escola (organização e sistematização) tem como objetivo a reeducação e recuperação do aluno, para sua reintegração às escolas comuns, profissionalizantes e/ou universidade.

Arquivo IBEC



• Atendimento diferenciado

- Diagnóstico e orientação de cada caso (através de laudo elaborado por serviços da comunidade).
- Acompanhamento do aluno pelo psicopedagogo com orientação ao próprio aluno, aos professores e à família.
- Métodos e recursos específicos para recuperações específicas, respeitando a fase do desenvolvimento, as dificuldades e todas as possibilidades do aluno (ajudando-o a conquistar não apenas o que ele pode, mas tudo o que pode), com motivação adequada para iniciar, continuar e terminar as diferentes atividades.
- Programa Oficial da Secretaria de Estado da Educação adequado e adaptado às condições de realidade de cada aluno e do seu grupo, enfatizando leitura, escrita, as quatro operações, Educação Física, Educação Artística, atividades manuais e da vida diária (AVD).
- Terminalidade bem-definida, relacionando e ligando seqüencialmente conteúdos e experiência anterior dos alunos, de maneira crítica e criativa, levando-os à mudança (com objetivos práticos para cada atividade, cada unidade, cada bimestre, cada ano, cada curso).
- Número reduzido de alunos, por classe (de 10 a 20), conforme a situação da clientela ou conforme o tipo de atividade, dando ênfase ao trabalho de grupo e através do grupo, incentivando o aluno a ser ativo, questionador e crítico.
- Espaço confortável, aconchegante, limpo, verde, bonito e tranquilo (organizado e conservado pelos próprios alunos), num clima de pré-escola, com todas as janelas abertas para a alegria, para a ludicidade.
- Disciplina consciente, limites e regulamentos bem-definidos e redefinidos pelos próprios alunos, ritual planejado e replanejado, redefinido, controle individual, grupos de apoio (padrinhos e representantes de turma), ajudando o aluno a se tornar gradativamente autônomo.
- Abertura para todos os agentes corretores possíveis, inclusive esportes, artes, atividades manuais, trabalhos e experiências de vida diária (AVD) e profissional, além do tratamento médico e/ou psicológico, quando indicado.
- Curso básico (tipo o antigo admissão) entre a 4.ª e a 5.ª série do 1.º grau, oportunizando uma retomada geral do programa das séries iniciais, inclusive alfabetização e demais conhecimentos básicos indispensáveis ao convívio do sujeito com sua realidade (hábitos e atitudes que ajudem o aluno “a aprender” ou “a saber pensar”, de acordo com suas necessidades e possibilidades).

◀ *Aluno “cara a cara” com a educadora, num atendimento global e integrado, de acordo com as necessidades individuais*

Alunos praticam esporte para derrubar os limites indesejáveis ▼

Turma reduzida do IBEC, com objetivo de respeitar a fase de desenvolvimento de cada um ▼

Arquivo IBEC



Arquivo IBEC



- Avaliação “para além da média escolar” ou seja, mais qualitativa e relativa ao processo de aprendizagem de cada um, em relação a si mesmo, apesar dos limites exigidos através das terminalidades seqüenciadas, fases e séries.

Relação consciente e profundamente arraigada de que o sucesso que todos procuramos não acontece sem o esforço, sem o mérito: esforço → mérito → recompensa.

E mais que o sucesso, conseguir o que se quer, nossa meta é querer o que se consegue, a felicidade.

Na última pesquisa realizada pelo Serviço Social do IBEC foram detectados entre os 300 casos da amostra – num arquivo de 3.000 casos – 86% de ex-alunos atualmente recuperados e bem-integrados do ponto de vista profissional e social. Entre esses alunos bem-dotados, mas prejudicados por problemas na área da aprendizagem, pelo menos 10% conseguiram, não só superar os problemas como os outros, mas extrapolar todas as expectativas e prognósticos, graças ao trabalho de reeducação. Poucos, certamente, conseguiram ou conseguirão o máximo, mas a maioria (86%) dos 3.000 casos conseguiu ou conseguirá atingir ou mesmo ultrapassar o mínimo de competência para a convivência social.

Com turmas reduzidas, respeitando a fase de desenvolvimento do grupo e as peculiaridades de cada um, com programas adequados e didática diferenciada, a escola pode ajudar a prevenir problemas ou a recuperá-los, em tempo hábil.

Ensinar a voar, com gaiola e tudo, quando for o caso ou liberar o aprendiz da gaiola, quando for possível. Voar o mais alto e o melhor possível, de acordo com suas condições pessoais, eis a proposta institucional do IBEC. Um pato nunca voará como um cisne, um cisne nunca voará como uma águia; nem mesmo um

pato como outro pato, um cisne como outro cisne, uma águia como outra águia... pois o “vôo é individual, intransferível, imensurável”... mas, cada um poderá voar o melhor e o mais alto possível para si mesmo.

Cabe à escola oportunizar essa maravilhosa aventura do recomeçar, do refazer, do reeducar, com vistas à superação do fracasso em busca da excelência. Acharmos que as escolas de ensino regular deveriam adquirir condições para empreender, com eficácia, essa aventura. Fica, aqui, esse desafio para a mudança e uma proposta de sensibilização e treinamento de profissionais da educação para que as escolas da rede regular de ensino (públicas ou particulares) possam assumir, também, o seu papel na reeducação, como uma das principais metas na busca da qualidade na escola.

Bibliografia

- CLAPARÈDE, Edouard. *Escola sob medida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- HOFFMANN, Jussara. *Avaliação - mito e desafio*. Porto Alegre: Educação Realidade, 1993.
- REFLEXÕES CONSTRUTIVISTAS. Caderno n.º 2. Belo Horizonte: Fundação AMAE para Educação e Cultura. ●

UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

INTEGRAÇÃO DO PORTADOR DA SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO FUNDAMENTAL

Lúcia Helena Ramos Pariz*

"O preconceito e a discriminação dominam o coração daqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer e aprender com o diferente."

A Escola Estadual "Carlos Drumond de Andrade", de Timóteo, MG, atende cerca de 600 alunos, distribuídos em 20 turmas, sendo 7 de Pré-Escolar e 13 de CBA à quarta série do Ensino Fundamental. Nesta escola somos privilegiados em poder conviver com dois alunos: Carlos Ney (Juninho), 14 anos, hoje aluno do CBA (2.ª série do Ensino Fundamental) e João Paulo, 9 anos, aluno do 2.º período do Pré-Escolar, ambos portadores da Síndrome de Down, matriculados na referida escola desde fevereiro de 1993.

Para nós é gratificante trabalhar com estas crianças, aprendemos muito com elas, que enriquecem o nosso trabalho, pois a cada dia é um novo desafio.

A socialização delas aconteceu dentro de uma dita "normalidade". Claro que, inicialmente, encontramos resistências e preconceitos por parte dos adultos (mães, funcionários) nunca das outras crianças.

Hoje, Juninho lê corretamente. Seu maior entrave ainda é na coordenação motora (escrita), demonstrando grande avanço devido à sua dedicação, acompanhamento da família e comprometimento da escola.

João Paulo está realçando no que se refere à oralidade e grafismo, participando sempre dos comentários, atividades e apresentações na sala de aula e na escola.

Para dar início ao trabalho sofremos uma enorme ansiedade devido ao fato de ser "novo" e não possuímos uma formação específica. Mas sabemos que não existe uma receita pronta e que o "AMOR VENCE O PRECONCEITO".

Temos certeza de que apesar da diferenciação do ritmo apresentado por eles em relação ao aluno dito "normal", são capazes de aprender, vencendo limitações que são respeitadas.

Somos felizes em poder oportunizar a estas crianças a integração numa escola de Ensino Fundamental, mesmo sabendo que o apoio dos órgãos competentes não é suficiente, pois necessitamos de uma sala de estimulação, liberação de dois profissionais da própria escola, sendo um em cada turno, para melhor acompanhamento das crianças com dificuldades na aprendizagem e assessoramento aos professores. Estamos ansiosos pelo atendimento desta urgente necessidade para ampliarmos nossas possibilidades de assessoramento aos alunos e professores, uma vez que em 1993 iniciamos o Projeto SOS Aprendizagem.

Atualmente recebemos orientações da APAPS DOWN do Vale do Aço, através da presidente Vânia Maria da Silva Melo Lamas, para o desenvolvimento de determinadas ações do nosso trabalho. Para nós, o portador da Síndrome de Down é visto e tratado como criança e não como caso clínico. Assim, a comunidade escolar aceita-o como ser humano que merece consideração e precisa de ajuda para desenvolver-se cognitiva, afetiva e socialmente.

Isso é efetivado através de abordagens corajosas dos educadores, pois respeitamos e reconhecemos as diferenças individuais de todas as crianças.

O nosso desejo é que o portador da Síndrome de Down tenha oportunidade para se desenvolver dentro de sua capacidade, tenha uma vida útil e a valorização que merece todo e qualquer ser humano.

Depoimentos:

"No início foi bastante difícil trabalhar com o portador da SD por ser uma tarefa 'nova' na escola e na sala de aula. Depois passamos a compreender as limitações do Juninho e aprender com ele."

Edma – professora do CBA/93

"É um desafio à nossa capacidade de entendê-lo e fazê-lo desenvolver."

Márcia – professora do João Paulo em 1994

* Pedagoga
Diretora da E.E. "Carlos Drumond de Andrade" – Timóteo/MG

UM MUNDO ENCANTADO

trabalhando a literatura com prazer

Os contos de fada podem aprofundar o relacionamento entre a criança e o mundo, espelhando uma existência mais poética e ampliando o significado da própria vida.

Gláucia Maria Silveira da Silva*

Eduarda Silva Quaresma**

Desde que a criança nasce, começa a "ler" o mundo, estabelecendo relações afetivas com ele a todo momento.

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na formação de uma criança é a de ajudá-la a encontrar significado na vida.

Devemos ajudá-la a desenvolver seus recursos interiores, de modo que as emoções, imaginação e intelecto se ajudem e se enriqueçam mutuamente. Podemos utilizar, para isso, os contos de fada que são histórias marcadas por características básicas, que as diferenciam e não se modificam com o tempo e que, por isso, os deixam em lugar de destaque na vida infantil, não só como uma forma de literatura, mas como obras-de-arte integralmente compreensíveis para a criança.

Para enriquecer sua vida, os contos de fada devem estimular a imaginação da criança: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções, a estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações.

O prazer que ela experimenta quando se permite ser suscetível a um conto, o encantamento que sente não vem apenas do significado psicológico, mas também de suas qualidades literárias.

Desenvolvimento do discurso narrativo

No desenvolvimento do discurso narrativo, a criança parte de um estágio inicial em que não constrói sozinha suas narrativas e chega a se tornar um narrador autônomo.

Os primeiros passos na construção da narrativa acontecem quando a criança responde às perguntas do adulto no jogo do contar e, posteriormente, quando incorpora às suas narrativas fragmentos do discurso do outro, retirados da narrativa do conto.



Num envolvimento solidário, os alunos experimentam o encanto do conto na hora da dramatização

Outra situação favorável a essa proposta explicativa é o uso dos chamados operadores de narrativa (era uma vez, daí, então, um belo dia, viveram felizes para sempre, etc.).

À medida que vai se apropriando desses recursos narrativos, a criança dá um passo importante na trajetória para a autonomia, através das combinações-livres, tanto ao nível do léxico quanto ao nível do discurso.

Reprodução de contos

A criança representa o papel de intérprete, repetindo o que recorda do texto.

A reprodução tem caráter de:

- transposição de estruturas lingüísticas, quando é usada a mesma linguagem do autor;
- restituição das idéias, quando pronuncia idéias na sua linguagem, mas fiéis à linguagem formal.

*Professora do Instituto Efigênia Vidigal

**Supervisora do Instituto Efigênia Vidigal - Belo Horizonte/MG

É necessário diferenciar conservação literal e restituição das idéias.

Conservam-se de forma literal: o título, os rituais de começo e final, as enumerações e as citações que apresentam as vozes dos personagens. Retêm-se ou restituem-se: os elementos do tópico, que fazem com que aquele seja um conto x; as relações de coordenação, que estruturam a seqüência de ações e as relações de subordinação, que justificam as ações.

Nem todo conto serve para iniciar a escrita. É preciso saber diferenciar qual o melhor. Ele deve ter:

- enredo facilmente memorizável;
- início e final convencionais;
- trama fácil e repetitiva;
- ordem cronológica bem-perceptível.

Relato de uma experiência

Conscientes da importância dos contos de fada, resolvemos pesquisar e elaborar um projeto para o trabalho com o conto OS TRÊS URSINHOS.

Objetivos:

- Trabalhar com um texto narrativo, analisando sua estrutura e familiarizando-se com esse tipo de texto.
- Desfrutar de um momento de fantasia, trabalhando com prazer a literatura.
- Analisar cada personagem da história e suas características.

- Memorizar e dramatizar o texto, através de diferentes atividades.
- Proporcionar atividades variadas de reconto.
- Reescrever o conto.
- Adquirir atitudes corretas ao manusear o livro (cuidados ao pegar, passar a página e conservá-lo).

Durante o desenvolvimento do trabalho, as etapas devem ser interligadas.

1.ª Etapa - Leitura

- Iniciar o trabalho com a escolha da melhor versão.
- Criação de um ambiente incentivador, propício à leitura.
- Leitura do conto, pelo professor, observando a postura correta, a modulação da voz e a ênfase na interpretação, chamando a atenção das crianças para a linguagem usada no texto, que é diferente da linguagem oral.
- Proposta de reconto a uma criança, chamando atenção para a linguagem usada no texto.
- Leitura de outras versões da história.
- Análise das estruturas dos textos:
 - a) Início comum nas histórias: "Era uma vez..."
 - b) Repetições que acontecem: "Sentou-se na cadeira grande... na cadeira média, na cadeira pequena."
 - c) Seqüência dos fatos.
- Decidir com os alunos qual a melhor versão da história para memorizarem. (Este trabalho de memoriza-

Os Três Ursinhos

Era uma vez uma família de ursinhos: o Papai Urso, a Mamãe Ursa e o Bebê Urso. Eles moravam numa linda casinha, no meio da floresta.

O Papai Urso era o maior de todos e tinha uma voz muito grossa. A Mamãe Ursa era um pouco menor e tinha uma vozinha meiga. O Bebê Urso era o menorzinho e sua voz era fininha.

Um dia, pela manhã, quando se levantaram, iam tomar mingau, mas a Mamãe Ursa disse:

- Este mingau está muito quente para ser tomado agora. Vamos dar uma voltinha enquanto ele esfria.

Deixaram o mingau nas suas tigelinhas e saíram.

Enquanto eles estavam fora, apareceu uma menina chamada Cachinhos de Ouro, que morava do outro lado da floresta e tinha o mau costume de fugir de casa. Quando viu a casa dos ursinhos, achou-a muito bonitinha. Aproximou-se e bateu à porta. Ninguém respondeu. Tornou a bater mas, ainda dessa vez, ninguém respondeu. Então, meteu a mão na porta e entrou. Logo à sua frente, na mesa da cozinha, avistou as tigelinhas de mingau. Provou o mingau da tigela maior, mas achou-o muito quente. Provou o da tigela do meio e achou-o muito frio. Então provou o da tigelinha menor e achou-o ótimo. Por isso, comeu todo o mingau que havia nela. Depois, passou à sala, onde encontrou três cadeiras: uma grande, uma menor e outra menor ainda. Sentou-se na cadeira grande e achou-a muito dura. Sentou-se na cadeirinha e achou-a muito confortável. Mas, sentou-se com tamanha falta de modos, que quebrou a cadeira em pedaços. Depois, Cachinhos de Ouro foi ao quarto dos ursinhos. Lá dentro havia três camas: uma grande, uma menor e uma menorzinha ainda. Deitou-se na cama maior e achou-a muito dura.

Deitou-se na do meio e achou-a macia demais. Deitou-se na pequenininha e achou-a muito boa. Ali ficou quietinha e acabou pegando no sono. Enquanto ela dormia, os ursinhos voltaram do passeio. Foram logo à cozinha para tomar o mingau e, com surpresa, verificaram que alguém tinha estado ali. Papai Urso perguntou com voz grossa:

- Quem mexeu no meu mingau?

Mamãe Ursa perguntou com sua voz meiga:

- Quem provou o meu mingau?

Bebê Urso, com sua voz fininha, chorando, perguntou:

- Quem comeu o meu mingauzinho?

Os três ursinhos foram à sala. Papai Urso olhou para sua cadeira e exclamou:

- Alguém sentou na minha cadeira!

Mamãe Ursa, com sua voz meiga, reclamou:

- Alguém também sentou na minha cadeira!

Bebê Urso, chorando, queixou-se:

- Alguém quebrou a minha cadeirinha!

Foram andando para o quarto. Papai Urso olhou para sua cama e perguntou:

- Quem esteve deitado na minha cama?

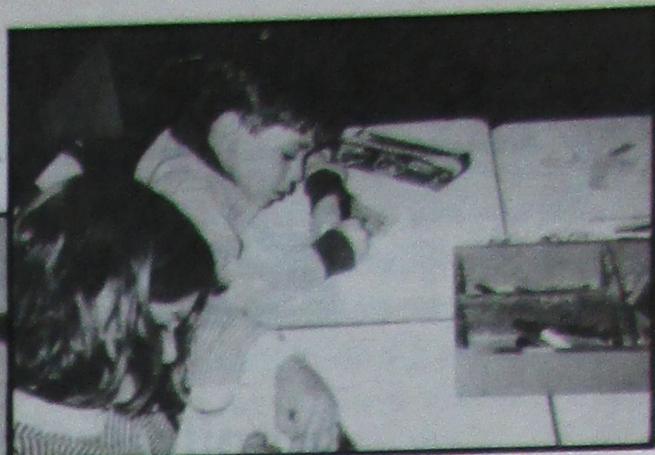
Mamãe Ursa olhou para sua cama e disse:

- Alguém esteve deitado na minha cama!

Bebê Urso, com sua voz fininha, gritou:

- Alguém está deitado na minha caminha!

Cachinhos de Ouro acordou com o grito de Bebê Urso. Ficou assustadíssima quando viu os três ursinhos no quarto. Saltou da cama, correu pelo quarto, pulou a janela e continuou correndo pela floresta, tão depressa quanto suas pernas podiam. E, daí por diante, nunca mais ela fugiu de casa.



Os ursos do livro saem da história e entram na sala de aula

ção vai demorar mais dias e o professor pode recorrer a várias estratégias para que não fique cansativo para os alunos.)

- Gravar a fala das crianças, para ouvirem depois e fazerem a comparação com o texto original.
- Iniciar os ensaios de pequenos trechos da história.
- Propor que contem a história em outras salas.
- Distribuir um pequeno trecho da história para ser lido pelos alunos. (Observar como está sendo feita a leitura.)
- Pedir a uma criança para contar o que leu. (Observar a compreensão do texto e a expressão oral das crianças.)
- Propor algumas questões de interpretação oral, inclusive extrapolação.
- Pedir que uma criança leia oralmente. (Comentários a serem feitos pelo professor: importância da pontuação, voz alta e posição do texto para ser lido.)

2.ª Etapa - Escrita

- Escrita, no caderno, do título da história, nomes dos personagens e ilustração.
- Fazer um confronto no quadro, pedindo a dois alunos para escreverem um pequeno trecho da história. (Uma criança escreve, outra corrige - conflito cognitivo.)
- O professor deve propor que os alunos confeccionem o mural da sala, com os personagens da história.
- Escolher um trecho da história, que foi ensaiado, e pedir aos alunos para ditarem, enquanto o professor vai escrevendo no quadro. Ao terminar a escrita, no quadro, o professor pede a alguns alunos que sublinhem algumas palavras do texto.
- Entregar às crianças o livro preparado com gravuras da história e perguntar-lhes se gostariam de escrevê-la. (Deixar que as crianças folheiem o livro e comentem os trechos que as gravuras mostram.)

Atividades complementares

- Confeção das roupas dos personagens e cenário para a dramatização da história.
- Apresentação dessa dramatização para outras turmas.
- Recorte e colagem da roupa do ursinho.
- Visita do personagem da história, (o ursinho) à sala de aula. O professor poderá usar este recurso para extrapolar e explorar a imaginação das crianças.
- Confeção de um livrinho da história para ser vendido na escola.
- Sugerir às crianças que escrevam uma carta a Cachinhos de Ouro, para um reencontro com o ursinho.
- Ordenação de frases escritas pelos alunos, de acordo com os acontecimentos da história.
- Trabalhar os conceitos matemáticos e as noções de seriação e classificação dos objetos da casa dos ursos.



Conclusão

O trabalho com os contos transforma tanto a criança quanto o adulto, sem fechar as fronteiras entre a vida intelectual e a afetiva, entre a brincadeira e o desafio. Com isso, a pedagogia deixa de ser sinônimo de receituário e o trabalho do professor passa a ser movido, também, pela criação e pela transformação, que é uma proposta de renovação pedagógica. É preciso adicionar criatividade, subtrair comodismo, multiplicar as boas idéias e dividir os resultados. ●

ETERNO FOLCLORE

Manifestações culturais que estão além do tempo

O folclore é uma das sementes fundamentais do conhecimento humano. Preservá-lo é um dever de todo cidadão e especialmente das instituições escolares.

Mário Souto Maior*

Ainda continuam sendo muitos os que olham o Folclore com certo desdém, por cima dos ombros, como sendo coisa sem importância, coisa de matuto que fala errado e acredita em tudo quanto é tolice, besteira. Este falso conceito de Folclore está mais presente na boca de pessoas mais idosas e, até mesmo, de alguns antropólogos mais radicais que esposam teorias e mais teorias de profundo saber, donos que são de uma terminologia cientificamente elitizada, mas esquecidos de que a sabedoria popular sempre existiu desde os tempos imemoriais, muito antes, mesmo, da existência de tipografias e universidades, quando a comunicação se processava através dos séculos, pela oralidade, de avô para neto, de pai para filho.

Esquecem, tais pessoas, que o Folclore foi o marco-zero, o ponto de partida de todos os conhecimentos humanos, de todas as ciências. Assim, o Direito Consuetudinário — repositório dos mais velhos costumes e das mais antigas tradições morais — serviu de base e alicerce para a legislação atual de todos os povos. Não se lembram os ilustres médicos que a medicina empírica — com seus remédios girando em torno de ervas, tubérculos e raízes — foi o começo da medicina científica que continua usando as plantas industrialmente, apelando sempre para a riqueza da nossa flora. Fazem ouvidos de mercador certos *experts* em música, relegando a um segundo plano a importância da música folclórica, criada pelo povo que não tem noções de harmonia, sustentidos e compassos, onde Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Levino Ferreira foram se inspirar na composição de belíssimas páginas da música brasileira. Não compreendem alguns poetas que são tão poetas como os nossos improvisadores, nos desafios, em suas mais variadas modalidades. Não percebem os escultores — com seus cinzeis, seus escopos e seus martelos, trabalhando em madeira de lei ou em mármore de Carrara, que o mestre Vitalino e outros ceramistas populares do Nordeste usam apenas a imaginação, as mãos ásperas e calejadas pelos cabos das enxadas e o barro amassado

com o suor de seus rostos — o mesmo material usado por Deus quando criou o homem — para também criar um mundo de arte, de sonho e de beleza através de peças que se encontram expostas nos museus das principais cidades do mundo.

Acontece que não são apenas alguns médicos, poetas, escultores, compositores e outras pessoas instruídas que estão relegando o Folclore a um segundo plano. Até mesmo o próprio povo, principalmente nas grandes cidades, está se divorciando um pouco de suas raízes, numa transição do ontem tradicional para o hoje tecnológico.

Cada carnaval que passa assistimos ao aumento considerável das escolas de samba que, por incrível que pareça, são em maior quantidade e recebem maiores subvenções do que os clubes, os blocos, as troças, os maracatus e os caboclinhos. Todo mundo sabe que o Recife é a única cidade brasileira que tem, no frevo, uma música própria, característica, somente nossa. E o que acontece? Durante os festejos momescos o samba e o *reg* caribeano tentam, cada vez mais, sufocar o mais marcante gênero musical carnavalesco pernambucano. Não seria mais certo se o povo e os poderes públicos valorizassem o que é nosso, protegendo a memória recifense, dando prioridade ao frevo? Não seria mais certo se os poderes públicos e os diretores de clubes contratassem as orquestras, relegadas a um segundo ou terceiro planos, exibindo orquestras e cantores alienígenas que nada têm a ver com o nosso carnaval? Passado o carnaval, nas festas sociais, as orquestras e os cantores de fora poderiam ser convidados. Nós, os folcloristas, não somos contra o *rock*, o bolero, o *reg*, o *blue*, de maneira nenhuma, porque a música é universal, não tem fronteiras, mas tem época como o frevo, tem passado como o frevo. Que as freviocas percorressem as ruas das cidades tocando frevo, valorizando, sem nenhum bairrismo, a nossa música. Deviam, os poderes públicos, subvencionar melhor os nossos blocos, os nossos maracatus, os nossos caboclinhos, as nossas troças, o nosso carnaval.

E o nosso São João, como é que vai? Aqui, no Recife, é uma tristeza observar como estão descaracterizando os festejos juninos no seu todo, as quadrilhas, principal-

* Fundação Joaquim Nabuco - Recife/PE



mente. Todos sabem que a música própria das quadrilhas é o baião. E o que está acontecendo? Estão substituindo o baião por músicas do Caribe que nada têm a ver com as tradicionais festas do São João. E as roupas dos participantes das quadrilhas estão cada vez mais elitizadas, desde o modelo usual até os tecidos usados na confecção das vestimentas. As quadrilhas estão mais parecidas, no vestuário, com as escolas de samba. Tem quadrilha que adota um tema. Li nos jornais recifenses que determinada quadrilha tinha como tema a seca do Nordeste. Quadrilha não tem tema, não tem enredo, como todos sabem. E o casamento de matutos é apresentado de maneira caricata, mostrando o noivo com calças remendadas com tecidos completamente diferentes. E o que fazer? Reunir os organizadores das quadrilhas e mostrar-lhes tudo que está errado para que as quadrilhas se apresentem dentro dos cânones da tradicionalidade.

E o que fazer para que o Folclore não perca as suas características próprias? Em primeiro lugar, precisamos divulgar o nosso Folclore em toda a sua pureza. Por que não usar, na decoração das residências, bonecos de barro, talhas, cerâmica utilitária, santos de madeira ou de barro? Por que não voltamos a ler os folhetos de feira que deram tanta motivação para que o nosso Ariano Suassuna escrevesse suas peças de teatro e seu romance?

Os folhetos são o tema de muitas teses de mestrado defendidas por estudiosos da Alemanha, da França, dos Estados Unidos, do Japão e outros países do primeiro mundo.

Agora, no apagar das luzes deste século tão importante para a história da humanidade, a tecnologia está comandando os destinos da raça humana, através das mais revolucionárias invenções que estão, cada dia que passa, mudando o destino das gentes. A informática, as viagens espaciais, a televisão e outros sonhos de Leonardo da Vinci e de Júlio Verne – mestres, no mundo da ficção científica do passado – fizeram com que o homem caminhasse com botas de sete léguas na história do progresso.

Ante o avanço extraordinário da tecnologia, será que o Folclore está começando a morrer? Não, o homem, apesar do avanço da tecnologia, continuará sendo o mesmo homem, so-

nhando sempre, cada qual pensando e agindo de maneira diferente, armazenando no seu íntimo, sua maneira de pensar, de ser, de agir, sempre voltando para o sobrenatural que é a maior interrogação na vida de todos nós, sempre povo, vivenciando tudo quanto foi herdado de seus ancestrais. E enquanto existir o homem, enquanto houver povo, o Folclore jamais deixará de ser o espírito, a tradição, o passado, o alicerce de um povo na sua eternidade.

Querem uma prova da eternidade do Folclore? Um americano, o primeiro homem a pisar o solo lunar, fê-lo com o pé direito, para ter sorte na sua caminhada nos caminhos desconhecidos da lua. Outro navegante do espaço – um russo – levou, em sua companhia, como mascote, uma cadela. Os remédios populares, existentes desde os tempos imemoriais, estão sendo cada vez mais usados por não causarem efeitos colaterais. Os folguedos populares, as cantigas, as crendices, as adivinhações, a literatura popular em verso, a linguagem popular, o carnaval, tudo continua vivo, existindo, fazendo parte da vida de todos nós.

Eis as razões pelas quais eu acredito na eternidade do Folclore, que continua sendo o meu sonho e minha luta, a minha razão intelectual de existir, tendo como meta o trabalho de registrar pequenos detalhes folclóricos antes que se percam nas dobras do tempo.

Sou uma pessoa como você.
Gosto de balas, de ler, de
ouvir histórias, de contar
histórias, de brincar com
meus sonhos.

Um dia, encontrava-me à beira da
água brincando com meus barquinhos
de papel (adoro barquinhos de papel)
quando, de repente, de dentro de um
deles, surgiu uma sereiazinha toda
espevitada, cantando com voz de
espuma:

– Vem comigo.

Vamos navegar.

Será uma aventura!

Você vai adorar!!...

Seu canto me encantou!... Não resisti.
Entrei no barquinho. Ele quase não se
agüentou: balançou para lá, balançou
para cá, foi sossegando e começou a
deslizar pelas águas, ao vento. E lá
fomos nós. Rio a fora, rio a dentro.

Depois de navegar algum tempo, o
barquinho enfeitado ancorou
direitinho numa ilha. Meu coração
começou a bater forte! Sabe por quê?
A ilha tinha cara de mal-assombrada.
Mesmo assim, saltamos, a sereiazinha
e eu, com cuidado e bastante ansiosos.
Parecia estarmos entrando num mundo
de bruxos. Foi quando ouvimos uma
voz meio esganiçada repetir:

– Tem muito ouro,
na Arca do Tesouro...

Tem muito ouro,
na Arca do Tesouro...

O coração, que já estava batendo
forte, disparou. Já estávamos prontos
para dar no pé quando vimos
Verdelão, que continuou sua cantilena:

– Podem chegar...

Eu não sou mau.

Eu sou o papagaio,
do Perna-de-Pau...

– Perna-de-Pau? O pirata de
coração de lata? Perguntei
assustadíssimo.

– O que pega criança e esconde na
mata? Indagou a sereiazinha.

E Verdelão, falando sem parar:

– Não precisa ter medo,

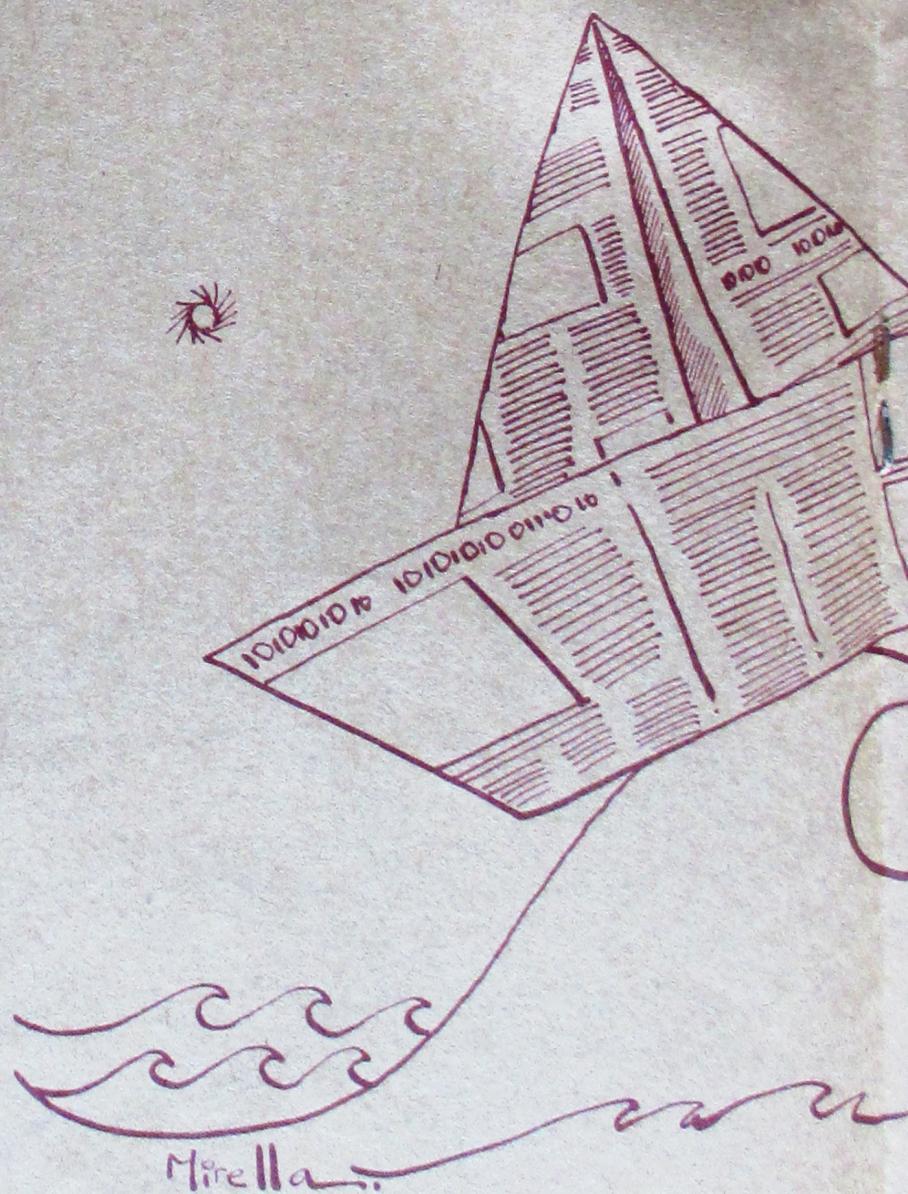
Perna-de-Pau está no rio,
na lagoa ou no mar.

Está procurando alguém

com quem ele possa brigar...

brigar... brigar... brigar...

E lá ia Verdelão explicando:



- Mas eu não quero brigar.
Quero te presentear.

Foi na Arca do Tesouro e, com o bico, escolheu um lindo anel e me deu, palavreando:

- É teu este presente!

Guarde-o bem guardado,
pois ele é encantado.

Estava repetindo isto (aliás Verdelão repetia tudo, sem parar), quando ouvimos, no meio do mato, a mata mexer e, no chão, um barulho, um tremendo barulhão:

- TOC-POC... RÔ! RÔ! RÔ!

TOC-POC... RÔ! RÔ! RÔ!

A sereiazinha e eu ficamos
estarecidos, parados no mesmo lugar.

E ainda foi Verdelão que falou, para nos ajudar:

- Já é hora de fugir.

Ficar não é nada legal.

Aí vem Perna-de-Pau...

Perna-de-Pau... Perna-de-Pau...

Num pulo, dois pulos, vários,
correndo em sentido contrário, saímos
de lá apavorados, buscando nosso
barquinho. Onde ele está ancorado?

Achamos! E mais um pulo! Desta vez,
num pulo só, caímos dentro do barco
que rio abaixo deslizava... E como nos
alegrava!

E agora, o que é que há? O claro
virou escuro. A alegria virou susto.
Afinal, onde é que entramos?

Perguntei desconfiado.



– Não tenha medo, criança.
Acabamos de entrar na Gruta do Polvo Dourado. Esta eu conheço bem!
Mal a sereia acabou de falar, começou a clarear. Era tudo emocionante, transparente, amarelo, brilhante. Polvo Dourado era um barato! Com aquela cabeça grande, com braço para todo o lado, de todo jeito, de toda maneira. Em cada braço, imagine! Em cada braço, uma pulseira. Uma pulseira enroscada, formosa, toda dourada.

Não era bonito, é verdade. Mas tinha, no olhar esquisito, uma profunda bondade. Depois de brincar conosco (brincadeira de polvo é maneira), tirou de um de seus braços, contente, uma pulseira e me disse: - É presente!

Assim que pus a pulseira no braço, num pulo, sem embarço, encontrei-me numa mata toda verde, encantada. Era a Terra dos Anões, dos Anões de Cabelos de Prata. Saltamos montanhas, entramos em grutas,



brincamos com lanças mágicas que nasciam do fundo do chão. Voavam pelos ares e voltavam direitinho, direto para nossas mãos. Então, um dos anões, dos mais brincalhões, me disse:

– Tome este fio de prata atado com estes dois nós. Isto fará com que você, jamais se esqueça de nós.

HOJE...

Quando coloco o anel na mão, atravesso a Ilha Encantada e brinco com Verdelão...

Se coloco a pulseira, fico todo enfeitiçado, brincando mil brincadeiras na Gruta do Polvo Dourado...

Se o fio do cabelo do anão toca leve em minha mão, pela janela do meu quarto entra, verde, toda a mata dos Anões dos Cabelos de Prata. E junto com eles, encantadas, vem um punhado de fadas.

Mas isto é um segredo, somente entre mim e você.
Quer fazer uma viagem fantástica?
Feche os olhos... E deixe acontecer...

Maria Alice Aguiar nasceu em Nilópolis, no estado do Rio de Janeiro. É professora de Literatura e Teoria da Literatura da UERJ. Coordenadora da área de Comunicação e Expressão do Curso Marly Curti. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO. Como escritora de livros infanto-juvenis, publicou, pelas Memórias Futuras Edições, os livros: O salto de Danica. Quem venceu?, Brincando de verdade. O mundo encantado. Histórias verdes. Era uma vez uma vez... E a natureza, o que fez? Como professora de Língua Portuguesa e Literatura publicou, pela mesma editora, livros didáticos: Na minha terra aprendo a ler com alegria, livro para alfabetização musicado, com os textos e músicas feitos pela autora. Na minha terra aprendo Português volumes 1, 2, 3, 4. É diretora geral da revista de estudos literários Caleidoscópio, editada pela UNIVERSO.

HUMANIZANDO O HOMEM

.....
Wilma de Oliveira Dias

*Assessora de Educação Especial
 Secretaria de Estado da Educação/MG*

Todo processo de escola é relacional, precisa-se avançar na discussão sobre a ética, a solidariedade. Precisa-se retomar o papel fundamental da escola de produtora e transmissora do saber, resgatando o caráter integrador do processo educativo e a estreita relação de harmonia entre o aprendiz e o educador, procurando a manutenção do comportamento humano produtivo, feliz e com sucesso.

Para se atingir esses objetivos, propomos um avanço no estudo das relações:

a - Sociais: possibilidades de se construir relações sociais rumo à construção de uma nação rica e generosa com seus filhos: sem miséria, sem exploração, sem marginalização, sem violência. Ampara-se na discussão crítica de novas propostas que visem valores ético-sociais de fraternidade, partilha, amor de uns para com os outros, de respeito aos direitos e deveres de cada cidadão.

b - Políticas: desenvolver no educador e no educando comportamentos de reflexão, de pesquisa, de questionamentos constantes da realidade circundante, gerando uma nova ordem política de superação do que aí está. Levar o aluno e sua família a buscar e viver seu papel de cidadão, privilegiando conteúdos que ajudem na real compreensão dos fatos, buscando uma vida mais feliz. É necessário uma teoria que oriente, ilumine e transforme a prática e uma prática que reorienta a teoria.

c - Pedagógicas: estabelecer um compromisso com o saber que o aluno traz, com sua herança cultural, avançando na perspectiva de um saber sempre crescente e integrado. A escola não é a única depositária do saber, mas é o lugar privilegiado de acolhida de todo saber, fazendo a construção do saber maior. É preciso resgatar o conteúdo cultural - "saber nato" - que o aluno tem. É pela descoberta desta riqueza como fonte e enriquecimento do saber, é pela escola libertadora, é pelo educador atento à realidade onde atua, é por currículos adaptados e enriquecidos que teremos uma pedagogia que alicerce uma prática transformadora.

d - Coletivas: fórum de debates é o "todo" da escola, esta não se setoriza. É através do Colegiado

Escolar com ampla participação, de Assembléia da Comunidade Escolar, de Equipes Multiprofissionais, de Conselhos de Classe, de Associação de Pais e Mestres que os parâmetros da ação integradora serão garantidos.

A ação pedagógica construtora se faz - fazendo, se vê - revendo, se cria, buscando alternativas e acolhendo cada pessoa humana na sua complexidade e essência. É fazer da escola toda e do todo da escola, centro de formação integral do educando.

e - Éticas: ética é a relação que:

- tem por princípio a realização plena e comprometida de todos;
- não está centrada em questões pessoais em detrimento do coletivo - social e político;
- prepara a pessoa humana para atuar na sociedade e na cultura de forma mais fraterna e coerente;
- propicia a edificação da cidade humana onde todos tenham oportunidades de realização pessoal e solidária, de satisfação individual para a construção do definitivo de forma comunitária;
- busca a competência técnica e dedicação constante com propósito de melhoria de qualidade do e no que se faz;
- privilegia: a promoção da VIDA, o resgate do SABER, a oportunidade do acesso, ingresso e permanência de todo o cidadão no mundo da CULTURA;
- favorece a formação da consciência crítica e da responsabilidade pessoal.

Ética na educação é a possibilidade da pessoa humana se definir como ser não-pronto, mas que busca se educar, criar espaços de participação consciente na edificação da sociedade, resgatar sua cidadania, equalizar direitos e deveres na luta diária pelo saber, pela aquisição de competência teórica e prática para melhoria da vida terrena premissa da vida de amor, absoluta.

É a educação que cabe a incumbência de humanizar e personalizar o homem. É pela educação que estaremos nos fortalecendo para as decisões comprometidas com transformações da história, buscando um tempo novo onde justiça, verdade e amor tecerão as relações sociais.

Ética na educação é educação com ética. ●



GERAÇÕES EM CONFLITO*

a difícil convivência entre pais e filhos

A consciência das dificuldades inerentes ao relacionamento familiar levou uma equipe de educadores a criar o Festival da Família, um conjunto de atividades interessantes e diversificadas, que podem ser adaptadas a outras escolas.

Muito “acidentado é o território das relações entre pais e filhos e marcado, nos tempos atuais, pela ambigüidade e pela disputa entre as regras ditadas pelos estudiosos do desenvolvimento infantil e os reais obstáculos que a necessidade de sobrevivência nas sociedades modernas coloca à organização familiar”.

O trecho acima, de Guiomar de Mello, sintetiza bem o conflito que vivemos. Nossa geração, a dos adultos de hoje, foi a que questionou valores nunca antes discutidos. Criados num tempo de “ditadura”, de “opressão”, por adultos conservadores e autoritários, rebelamo-nos contra as regras que nos eram impostas. Mas como estamos, hoje, frente à necessidade de educarmos a geração jovem?

Estudos recentes têm-nos lembrado que “educar implica sempre, em maior ou menor grau, na necessidade de limitar, de às vezes dizer não, de negar algumas coisas aos educandos”. Como isso gera insegurança!

A proposta do Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no entanto, é diferente. Porque acreditamos no diálogo, na conversa produtiva, porque cremos que todos, embora precisemos receber, temos muito a partilhar, resolvemos convidar os pais dos nossos alunos para, juntos, buscarmos respostas.

Afinal, mesmo invadidos por inúmeras inquietações, temos de reafirmar nossa parceria nesse empreendimento a um tempo arriscado e fascinante — a educação de nossos jovens.

Para concretizar tal proposta, o colégio, comemorando o Ano Internacional da Família e buscando atingir a proposta da Campanha da Fraternidade de 1994, está realizando o FESTIVAL DA FAMÍLIA, com uma série de eventos que procuram ser vivências do espírito da época.

A equipe responsável pela organização do festival reúne o diretor do Colégio Santo Antônio, frei Hilário Meeks, o coordenador geral e de 2.º grau, Leo Ribeiro, a coordenadora de 5.ª à 8.ª série, Terezinha Araújo, o coordenador de atividades extraclases, Olavo Campos (Kafunga), e as coordenadoras de 1.ª à 4.ª série, Gracinha Lima e Lourdinha Cançado. Segundo Terezinha Araújo, a proposta do festival é “viver em família, de uma forma muito especial, neste ano de 1994”.

Atividades

- Passeio ciclístico — concentração e chegada na porta do colégio — sorteio de brindes.
- Palestra: A gênese da ética, com Tânia Zagury — professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora dos livros “Sem padecer no paraíso”: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos e “Educar sem culpa”: a gênese da ética, nos quais discute, também com autoridade de mãe, as questões e aflições do dia-a-dia da família atual.



- Oficinas de educar: sem culpa e sem padecer no paraíso
- Instruções para desenvolvimento do trabalho
1. Rapidamente, os membros do grupo se apresentarão e escolherão quem será o condutor das discussões e relator das conclusões.
 2. Será apresentada uma situação-problema e algumas questões. O líder do grupo conduzirá a discussão, que deverá desenrolar-se em, no máximo, 30 minutos.
 3. Findo esse tempo, o líder relatará, em plenário, a síntese da discussão.
 4. Após a apresentação de todos os grupos poderá haver debate das idéias expostas.

- Páscoa da família
- Festa junina
- Minha família é um show — apresentação dos artistas — novos ou já consagrados — de nossa comunidade escolar.

* Equipe técnica do Colégio Santo Antônio — Belo Horizonte/MG

1 - Show

- a) Categorias : música - dança - teatro
 - b) Participantes: membros da comunidade escolar do CSA e/ou seus familiares.
 - c) Duração máxima da apresentação: 10 minutos
- Importante: no ato da inscrição, deverá ser entregue uma fita de vídeo com a gravação do número artístico, para efeito de escolha dos que comporão o programa. A qualidade técnica dessa gravação não será avaliada.

2 - Exposição de artes plásticas

- a) Categorias: pintura/escultura/instalação
 - b) Participantes: membros da comunidade escolar do CSA e/ou seus familiares diretos (pais, irmãos, filhos)
 - c) Número máximo de trabalhos: 3
- Olimpíadas do 1.º Grau

Oficinas de Educar

Tema para discussão - Relações pais/filhos

1 - Há algum tempo, aqui no Santo Antônio, propusemos aos alunos a confecção de um cartão que seria um presente pelo Dia dos Pais. A idéia era que cada um escrevesse, no cartão, as "dez frases que mais ouço de papai".

Para surpresa nossa, o que seria apenas uma lembrancinha revelou-se como algo de profundo e inquietante significado. Mais de 90% das frases eram imperativas - só ordens e cobranças. Muito poucas foram as que expressavam carinho e, o que foi pior, algumas crianças empacaram na tarefa, depois de redigirem duas ou três frases, expressando dura realidade: "Acho que ainda não ouvi dez frases de papai..."

Agora lhe perguntamos:

- Quais são as dez frases que você mais ouve de seu filho?
- Analisando as frases do grupo, qual é o conteúdo nelas predominante?

2 - Na lida com os jovens, percebe-se que eles têm dificuldade em aceitar a existência de hierarquia, de autoridade. (Embora sejam, às vezes, extremamente autoritários...)

Refleta com seu grupo:

- Em casa, seu filho percebe harmonia entre os pais no exercício da autoridade?
- Para você, estabelecer limites e horários, saber onde e com quem seu filho anda, controlar suas idas e vindas são atitudes de pais autoritários?
- Que exemplos de respeito à autoridade na "vida lá fora" (a comunidade - a escola - a igreja, etc.) seu filho recebe de vocês, pais?

3 - Uma das marcas que se percebe nas relações pais/filhos, hoje mais do que nunca, é o espírito de barganha.

"Se você comer tudo, ganha sorvete..."

"Se não tomar recuperação, mando você pra Disney..."

"Se passar no vestibular, você ganha um carro..."

Ou seja, além de pagarmos o "salário", ainda damos "bicho"! Por mais insignificante ou obrigatória que seja a "realização" do filho...

Agora lhe perguntamos:

- Por que usamos esses recursos com tanta freqüência?
- Com essa constante - e imediata! - premiação, que valores estamos passando para os nossos jovens?
- Tenho que premiar o jovem por ele ser responsável, ou tenho que educá-lo para a responsabilidade?
- Proporcionando a meu filho tudo de material que ele deseja, estou priorizando o ter ou o ser? E daí?

Tema para discussão - Educação afetivo-sexual

1 - Despertar para o sexo é fato natural e biológico. O que nos parece pouco natural é o enfoque deturpado do assunto que, com muita freqüência, temos percebido em nossas crianças e adolescentes.

Refleta com seu grupo:

- Seu filho está informado adequadamente em questões relacionadas a sexo?
- A quem compete informar a criança, com segurança e naturalidade, a respeito dessas questões?
- A seu ver, de onde partem as deturpações em relação ao assunto?
- Ainda sobre essa visão deformada do sexo, como os pais devem agir em relação ao problema? E a escola?

2 - Há no "ar", e em nós também, todo um discurso sobre a necessidade de o afeto permear as relações humanas. É muito duro viver sem amor!...

Refleta com seu grupo:

- Em casa, como anda a questão da afetividade? Uns aos outros, nós nos tratamos como esperamos que os "outros lá fora" o façam?
- Dentro de nossa rotina tumultuada, procuramos fazer tempo para estarmos juntos?

Tema para discussão - Direitos e deveres

O nosso discurso democrático leva-nos a, quase sempre, envolver o jovem na tomada de decisões familiares. "É direito dele emitir e ver levada em conta sua opinião" - pensamos. Muito bem. E sobre seus deveres e obrigações para com a família, o que pensamos?

Discuta em grupo:

- Em casa, de quem são as obrigações? Por quê?
- Seu filho participa das tarefas domésticas?
- Como fica o quarto dele, quando sai? E o banheiro, depois do banho?

O DIA DE SEMPRE

Eduardo Machado*

Pai, mãe... hoje não é dia de nada, nem de ninguém. Nenhuma data ou comemoração especial. Uma boa hora pra bater este papo que fala justamente do cotidiano, da convivência diária, dos problemas aparentemente simples que acabam se acumulando e sufocando o essencial. É disso que quero falar: do **ESSENCIAL**, daquilo que realmente importa no nosso relacionamento.

Nem sempre tem sido fácil a gente se entender, não? Será o tal conflito de gerações? Sei lá, só sei que às vezes a barra fica pesada, a conversa impossível e a gente se fecha em mundos distantes e até agressivos. Não era assim que eu queria e tenho certeza que não foi isso que vocês sonharam pra nós.

Tudo poderia ser diferente se...

O que podemos fazer, pai? O que está faltando, mãe? Falta carinho? Paciência, compreensão? Falta respeito de uns pelos outros? Falta mais tempo para passarmos o tempo juntos, conversarmos, contar casos, dizer coisas sérias, importantes e outras que não têm nada a ver, só pelo prazer de bater-papo e curtir uns aos outros?

É... seria tão bom!

É por isso que resolvi escrever agora, sem data nem festa. Nem sempre as comemorações levam as pessoas a se aproximarem de verdade. Muitas vezes a alegria dura só o tempo de um abraço meio sem graça e um presente cheirando a conveniência e obrigação.

A gente está precisando de algo mais permanente, profundo, algo que ultrapasse a vitrine do rosto e chegue ao coração, mexendo por dentro, mudando atitudes, desarmando os espíritos, voltando à novidade do primeiro amor.

Lembram quando vocês se conheceram? E quando eu nasci? Não é a mesma coisa, nem pode ser, mas o amor não precisa acabar com o tempo. Ele amadurece, encontra outras formas de dizer "te amo", mas não precisa perder a ternura, o aconchego, o carinho.

Acho que isto é o essencial: O AMOR! Nele TUDO passa a ter um novo sentido, até as brigas. Nele é possível compreender as imensas diferenças que existem entre nós. O que podia ser barreira e separar, passa a ser riqueza a partilhar. Sem abrir mão de ser pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã... Aliás, quanto a isso, a gente tem mais é obrigação de assumir nosso lugar e papel. Ser a gente mesmo e assumir direitos e obrigações!

É isso aí, pai! Falei e disse, mãe! Desabafei o que andava engasgado aqui dentro. No fundo, sei que vocês já percebiam que estávamos precisando deste papo. É engraçado como a gente fica sempre esperando o outro dar o primeiro passo e, enquanto isso não acontece, continuam as brigas, as discussões de surdos, o isolamento, a distância sempre aumentando...

Magoamos justamente aqueles a quem mais amamos...

E acredito que podemos mudar tudo isso porque acredito em vocês, no seu amor, nos sonhos que vocês sonharam pra mim e pra todos aqui em casa.

Hoje não é dia de nada, nem de ninguém. Bem que podíamos inventar o DIA DE SEMPRE. Amar sempre, sempre compreender ou, pelo menos, sempre tentar...

Você tentar sempre ser mais PAI...

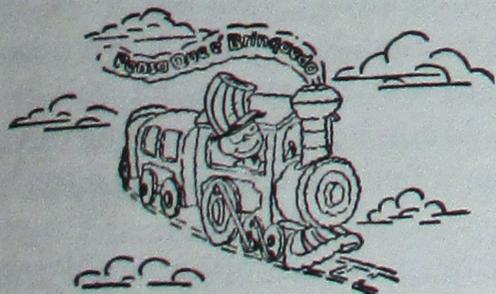
Você tentar sempre ser mais MÃE...

E eu... tentar sempre ser mais filho(a)...

Um beijão cheio de esperança!

Seu (sua) menino(a)

* Professor de Religião do Colégio Santo Antônio e... pai.



Pensa que é brinquedo

Material infantil especializado e jogos de empresa
A criança brinca e se desenvolve

Representante autorizado: **Elci Ribeiro** - Fone:(031)271-3737 - Fax:(031)464-1535

ACORDES GEOGRÁFICOS

a música como recurso didático

*Milton Nascimento, quem diria, é um ótimo parceiro nas aulas de Geografia.
Leia o artigo e descubra como a sua música foi transformada em recurso didático.*

Hudson Rodrigues Lima*

A utilização de músicas como recurso didático para o ensino da Geografia tem sido alvo de atenção para muitos professores ao desenvolver conteúdos na sala de aula. Particularmente, tenho realizado algumas experiências, sendo algumas muito bem recebidas pelos alunos. É o caso da música: NOTÍCIAS DO BRASIL (OS PÁSSAROS TRAZEM), de autoria de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Na proposta programática do conteúdo de Geografia de 6.ª série do 1.º grau da escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, existe uma unidade onde trabalhamos o processo de ocupação do território brasileiro. O objetivo dessa unidade é o de desvendar os porquês da forma como a população brasileira está distribuída, ou mesmo ocupando o solo do Brasil, uma vez que a mesma se concentra na faixa litorânea, escasseando-se à medida em que se adentra pelo interior.

Escolhi a referida música e programei algumas atividades para perceber, ou mesmo experimentar, o grau de aprendizagem e abstração que meus alunos conseguiram obter ao longo do estudo sistematizado de conteúdos que realizamos acerca da temática de ocupação do território brasileiro.

Para melhor esclarecer o que aqui chamei de estudo sistematizado de conteúdos, apresentarei algumas considerações sobre o trabalho que desenvolvi com os alunos, antes de trabalharmos com a música. Durante o desenvolvimento da unidade do programa pude, num primeiro momento, trabalhar a localização do território brasileiro na América do Sul. Utilizei o mapa político da área continental sul-americana, tanto no atlas geográfico escolar quanto num mapa de escala menor que permitiu aos alunos um maior número de informações como, por exemplo, as localizações urbanas. Chamei a atenção para elas, uma vez que a população atual do mundo é extremamente urbana, assim como o meu

grupo de alunos, que mora numa cidade de médio porte. Logicamente isso não me eximiu de chamar a atenção para as áreas onde a indicação de cidades diminuía, ou seja, as regiões do Brasil e da América do Sul onde a vida rural é bastante presente. A partir daí, pude discutir com os alunos a forma de configuração espacial urbano-rural na América do Sul, ponderando junto aos mesmos que quando observamos o mapa da Europa, por exemplo, a distribuição da população sobre aquele território não se dá da mesma forma.

Curiosidade - Questionei, então, por que será que o espaço se configura diferenciadamente, particularmente no território brasileiro. A reação dos alunos foi no mínimo de curiosidade. Alguns respondiam sobre as belezas das praias brasileiras (para aqueles que já as conheciam), outros davam exemplos da atração da população para as grandes cidades, principalmente as capitais onde, supostamente, são oferecidos melhores empregos. Quis ir mais a fundo com as respostas obtidas na sala de aula. Coloquei que mesmo considerando as belezas naturais, as oportunidades de empregos, perguntei como tudo isso começou, será que o Brasil sempre foi ocupado da forma como conhecemos hoje?

Logo vieram as lembranças de outros conteúdos e de outras séries sobre a forma de ocupação do continente americano, em especial a do Brasil. Citaram a chegada de portugueses e espanhóis, lembrando das embarcações que, comprovadamente, chegaram pelo litoral. A partir daí, a configuração de distribuição - periférica - do território brasileiro, bem como o da América do Sul, começava a fazer sentido. Chamei a atenção dos alunos para o fato dos interesses econômicos que envolviam e envolvem a ocupação do espaço pelo homem: primeiramente pela exploração das riquezas vegetais e minerais, na forma de extrativismo, ocorrida essencialmente no litoral, onde se situavam as capitais do Brasil (primeiramente Salvador e posteriormente Rio de Janeiro, com a vinda da corte portuguesa). Período em que foram construídos os primeiros portos, ferrovias, linhas de

* Professor de Geografia da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Mestrando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo/SP

telefone, energia elétrica, as principais indústrias... Resgatando o processo de ocupação e distribuição da população brasileira, lancei novas questões: apesar de uma menor ocupação do interior do Brasil, ela existe. Por que isso ocorreu, por que a capital federal se transferiu para o centro do País? O desencadeamento da questão, somado ao do conteúdo já trabalhado (provavelmente em História e com certeza na Geografia de 5.ª série, bem como na 6.ª série), já permitia, a esta altura, respostas interessantes de boa parte dos alunos. Recapitularam as entradas dos bandeirantes portugueses à procura de riquezas minerais, sempre percorrendo o litoral e as bacias hidrográficas, onde se fundaram os primeiros núcleos urbanos.

Insisti, a partir daí, com os alunos, numa reflexão um pouco mais aprofundada sobre a ocupação e distribuição da população pelo território brasileiro nos dias atuais. As dificuldades de posicionamento dos alunos se explicitaram. No entanto, pude trabalhar, de forma que atendessem à faixa etária de 6.ª série, a questão da produção e circulação de mercadorias à medida que se constitui o mercado interno. Chamei a atenção para os recursos de matéria-prima existentes não só no litoral mas, principalmente, no interior do Brasil (sempre que possível ampliava esta visão a nível de América do Sul), utilizados pelos centros industriais localizados, geralmente, no litoral, que comercializam tanto com o mercado interno quanto com o mercado externo. Esta questão chegou ao ponto, inclusive, de fazer pensar a quem, de fato, interessa a constituição de um território denominado de "nacional". Ou seja, muitas vezes os indivíduos estão ocupando o espaço não exatamente em função do nacional, como defendem os políticos, mas muito mais em função da sobrevivência. Não é por acaso que brasileiros estão no território "nacional" do Paraguai, da Argentina, Bolívia e vice-versa. Procurei, desta forma, concluir com os alunos que não é exatamente a nacionalidade que impõe, determinadamente, a apropriação do espaço pelo homem, ela foi criada como recurso político para se definir territórios e mercados. Parti de um "microexemplo" de um loteamento urbano ou de propriedades rurais (os continentes, na verdade, foram loteados em nome das nações ou nacionalidades), quando algumas empresas imobiliárias (no caso de países, esta empresa seria o Estado) tiram proveito da divisão da terra ou território através da acumulação de capital por grupos minoritários de indivíduos.

Migração — Toda esta discussão ensejou, ainda, chamar a atenção dos alunos para os processos migratórios da população brasileira, seja os urbanos-rurais, rurais-urbanos, urbanos-urbanos e rurais-rurais, inclusive exemplificando-os com características de populações que vivem estes processos ou até mesmo porque os mesmos ocorrem. A partir daí, utilizando o mapa do Brasil — divisão política — realizei um trabalho de identificação de estados brasileiros que apresentam

maior e menor concentração populacional, insistindo para que os alunos concluíssem sobre as possibilidades que permitiram alguns estados serem mais ou menos ocupados.

Portanto, realizado este trabalho de discussão sistematizada do conteúdo, passei à 2.ª etapa, o trabalho com música, para encerrar a unidade.

Música: NOTÍCIAS DO BRASIL (Os pássaros trazem)
Autores: Milton Nascimento e Fernando Brant
Interpretação: Milton Nascimento
LP: Caçador de Mim — Ariola — 1982
Faixa: 4.ª — um lado

*Uma notícia tá chegando lá do Maranhão,
Não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Veio do vento que soprava lá do litoral
de Fortaleza, de Recife e de Natal*

*A boa nova foi ouvida em Belém, Manaus,
João Pessoa, Teresina e Aracaju
e lá do norte foi descendo pro Brasil central.
Chegou em Minas, já bateu bem lá no sul.*

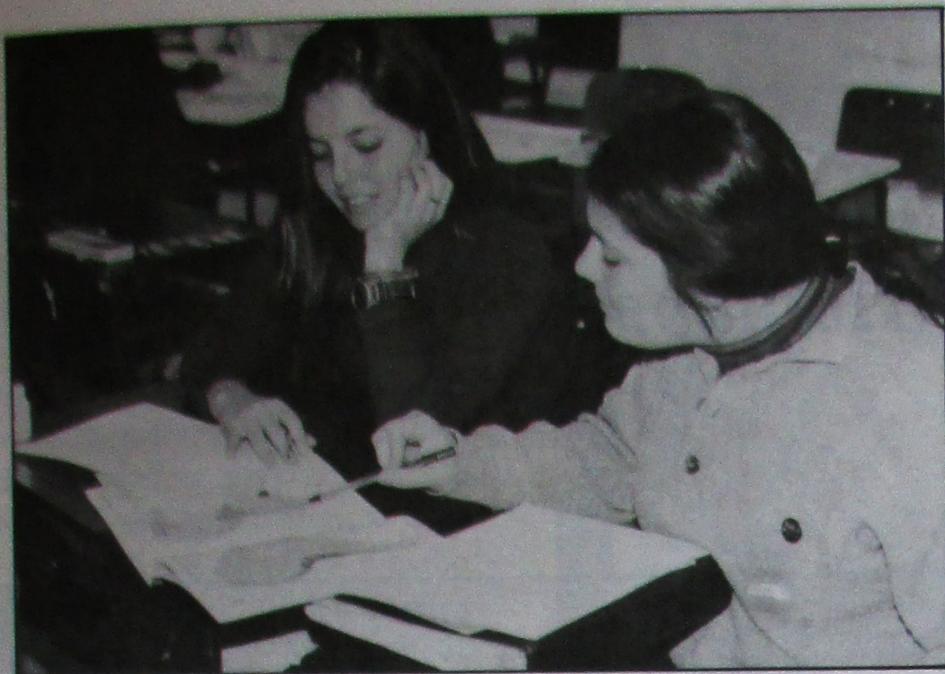
*Aqui vive um povo que merece mais respeito, sabe?
E belo é o povo como é belo todo amor.
Aqui vive um povo que é mar e que é rio
e seu destino é um dia se juntar.*

*O canto mais belo será sempre mais sincero, sabe?
E tudo quanto é belo será sempre de espantar.
Aqui vive um povo que cultiva a qualidade:
ser mais sábio que quem o quer governar.*

*A novidade é que o Brasil não é só litoral;
é muito mais, é muito mais que qualquer zona sul.
Tem gente boa espalhada por esse Brasil
que vai fazer desse lugar um bom país.*

*Uma notícia tá chegando lá do interior,
não deu no rádio, no jornal ou na televisão.
Ficar de frente para o mar, de costas pro Brasil,
não vai fazer desse lugar um bom país.*

Pude realizar, a partir da aplicação desta música, como mencionei anteriormente, uma experiência metodológica para sentir por onde passava a utilização do conteúdo sistematizado, trabalhado em sala de aula, por parte do aluno. Para tanto, para sentir o que foi apreendido sobre o processo de ocupação e distribuição da população no território brasileiro, explorei cartograficamente as informações (contidas na letra da música), sobre os nomes de capitais de estados brasileiros. Foi uma forma que encontrei para reforçar suas localizações, sem utilizar



Hudson R. Lima

Alunas desenvolvem atividades cartográficas, utilizando os mapas da América do Sul e do Brasil

de meios de decorar ou mesmo de exercícios frios para identificar os nomes de estados e capitais, comumente utilizados por nós, professores de Geografia.

Analisei, ainda, em conjunto com os alunos, qual é o sentido de interior e de litoral para o autor da letra da música, ou seja, o apelo que o mesmo faz pela valorização do homem, independentemente de sua localização – seja ele do campo ou da cidade – do interior ou da capital. Ou melhor, o sentido de que o território deve ser valorizado não pelos projetos governamentais, mas pela capacidade de pensar e de se relacionar de todos os indivíduos que nele habita e constrói. Destacando, ainda, de que o “rico centro-sul brasileiro” existe muito mais em função do “pobre norte brasileiro”. Finalmente, analisei com os alunos a responsabilidade que todos nós temos, enquanto indivíduos, na forma de constituir ou construir um determinado espaço, ou seja, refletir e interferir nas diversas formas de discriminações espaciais que a todo momento temos que enfrentar.

Em linhas gerais esta foi a atividade desenvolvida que pode ser trabalhada tanto para iniciar um conteúdo afim da temática da letra da música, quanto para concluí-lo, conforme foi minha experiência. A seguir, passo a apresentar algumas sugestões de atividades com a música, experimentadas com os alunos de 6.ª série do 1.º grau, de acordo com a abordagem apresentada neste artigo. Logicamente, o professor deve elaborar suas atividades de acordo com o enfoque definido e desenvolvido na sua sala de aula.

- Apresentar por escrito a letra da música.
- Ouvir a música por duas vezes, pedindo que os alunos acompanhem a execução com leitura silenciosa.
- Desenvolver atividades de canto. Por exemplo: cada verso ou estrofe pode ser cantada por meninos e meninas alternadamente, ou mesmo, cantando em conjunto ou individualmente, de forma espontânea.
- Provocar o debate sobre o conteúdo da música. Dúvidas e posições dos alunos e do próprio professor deverão ser exploradas.
- Desenvolver atividades de exercícios escritos ou cartográficos que aproveitem o conteúdo da letra da música bem como dos debates. Por exemplo:

a) – Explique o sentido do seguinte verso da música:

“Aqui vive um povo que merece mais respeito, sabe?”

b) – Qual análise você faz sobre a quinta estrofe da música?

“A novidade é que o Brasil não é só litoral; é muito mais, é muito mais que qualquer zona sul. Tem gente boa espalhada por esse Brasil que vai fazer desse lugar um bom país.”

c) – Interprete os seguintes versos:

“Ficar de frente para o mar, de costas pro Brasil, não vai fazer desse lugar um bom país.”

d) – A música fala de diversos lugares do Brasil. Consultando o mapa do Brasil – divisão política, responda:

– Qual a região do Brasil que tem, em seu conjunto, o estado do Maranhão. Qual a sua capital?

– Quais os estados das seguintes capitais citadas na letra da música?

Fortaleza:

Recife:

Natal:

João Pessoa:

Teresina:

Aracaju:

Em qual região se localizam estes estados?

– Quais são os estados cujas capitais são Belém e Manaus? De qual região brasileira fazem parte?

– A música faz referência ao Brasil-central. Quais os estados e capitais que compõem esta área do Brasil?

– Quanto ao sul do Brasil, também citado na letra da música, cite os estados e suas capitais.

e) – A música tenta qualificar o sentido de zona sul de uma cidade ou mesmo de nosso País. Levando em consideração grandes e médias cidades brasileiras, como: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Uberlândia, o que o autor quis dizer com o termo: zona sul?

f) – Qual ou quais bairros você conhece em sua cidade que se localizam na zona sul?

Caracterize-o(s) em sua forma de organização espacial, comparando-o(s) com outras “zonas” de sua cidade.

g) – Ainda através do sentido de zona sul, analise-o comparando com a zona norte do Brasil. Cite algumas características de cada uma destas zonas.

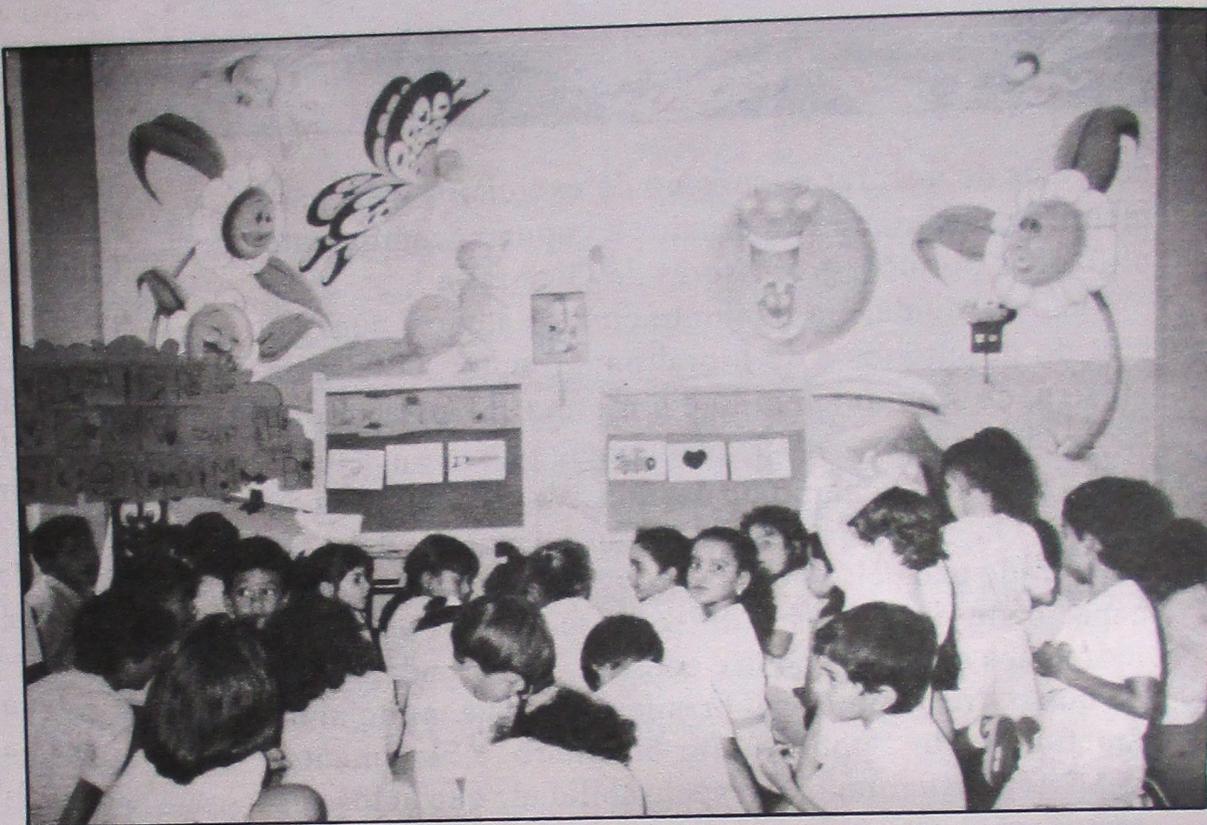


Estímulo à leitura é prioridade da distribuidora da Ática em BH

A iniciativa privada tem demonstrado grande eficiência na resolução de problemas que, muitas vezes, são de responsabilidade do poder público. A educação, tão abandonada pelo governo brasileiro, também tem sido alvo da ação de alguns empresários, como da diretora comercial da Livraria Clássica — distribuidora da Editora Ática em Minas Gerais —, Heloísa Reis, que decidiu montar uma sala de leitura na sala da distribuidora, em Belo Horizonte, unindo dois objetivos plenamente combinados: divulgar os livros infantis da editora e, simultaneamente, despertar o interesse das crianças pela leitura.

Fundada em outubro de 1991, a sala de leitura está cumprindo o seu objetivo. Após quase três anos de funcionamento, a sala já foi visitada por cerca de 18 mil crianças, que estudam em 70 diferentes escolas mineiras. Além da capital do Estado, foram contempladas também instituições escolares de Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo e Nova Lima.

A sala de leitura da Ática, habitualmente, recebe duas turmas de crianças ao dia, de segunda a sexta-feira. Ali, os estudantes permanecem cerca de três horas, seguindo um programa elaborado especialmente para eles. Depois que chegam à sala, as crianças dispõem, inicialmente, de um tempo livre para que explorem o ambiente e tenham oportunidade de conhecer, folheando, seus novos amigos: os livros. Finalizado esse



Atividades pedagógicas preparadas especialmente para a sala de leitura

tempo, as crianças vão participar da Hora do Conto, quando a monitora conta uma história, sempre baseada em um livro da Ática, escolhido de acordo com a faixa etária das crianças.

Agora que todas as crianças já conhecem a história, é hora de dar início às atividades pedagógicas, desenvolvidas através de jogos individuais ou em grupos. Depois de um lanche, as crianças vão para um pequeno auditório, onde assistem e participam do teatro de fantoches.

Um dos aspectos mais interessantes desse projeto de leitura da

Ática é que o ato de ler acaba inserido dentro de uma excursão, de um passeio, sem os vícios habituais das aulas de biblioteca, em que as crianças acabam sendo levadas a conviver com os livros, muitas vezes sem sequer prestar atenção às suas palavras.

Mais importante ainda é o fato da leitura ser a protagonista de um projeto pedagógico em um momento em que a televisão reina absoluta no imaginário dos alunos, que muitas vezes chegam a desprezar os livros. Ao final da visita à sala de leitura e após a descoberta dessa nova possibilidade de divertimento, as crianças reagem positivamente, demonstrando o desejo de voltar ao local. Isso já resultou, aliás, na instalação de salas “inspiradas” no projeto da Ática, em algumas escolas.

A educadora Maria Carmem Coimbra Faria, do Colégio Santo Agostinho, levou seus alunos à sala de leitura da Ática e considerou o trabalho realizado ali "muito interessante, incentivando mesmo o interesse pela leitura, com atividades diversificadas". Explica que seus alunos têm entre 5 e 6 anos de idade e estão mais estimulados para a leitura após a excursão. "As crianças adoraram e até quiseram manusear mais livros depois", testemunha.

Já a educadora Sônia Lourenço, do Colégio Lambert, considera a sala "ótima, muito bem-estruturada e com uma didática muito boa". De acordo com Sônia, a mensagem da Ática acaba chegando mesmo até as crianças. "A sala encanta porque atrai muito, as crianças ficam muito motivadas. Tudo acontece dentro do nível deles, a linguagem é bastante acessível", acrescenta, contando também que os alunos demonstraram interesse em adquirir livros após a visita — mesmo sem saber ler ainda — e que acabaram produzindo na escola um trabalho com outro livro, da mesma coleção apresentada pelas monitoras da editora.



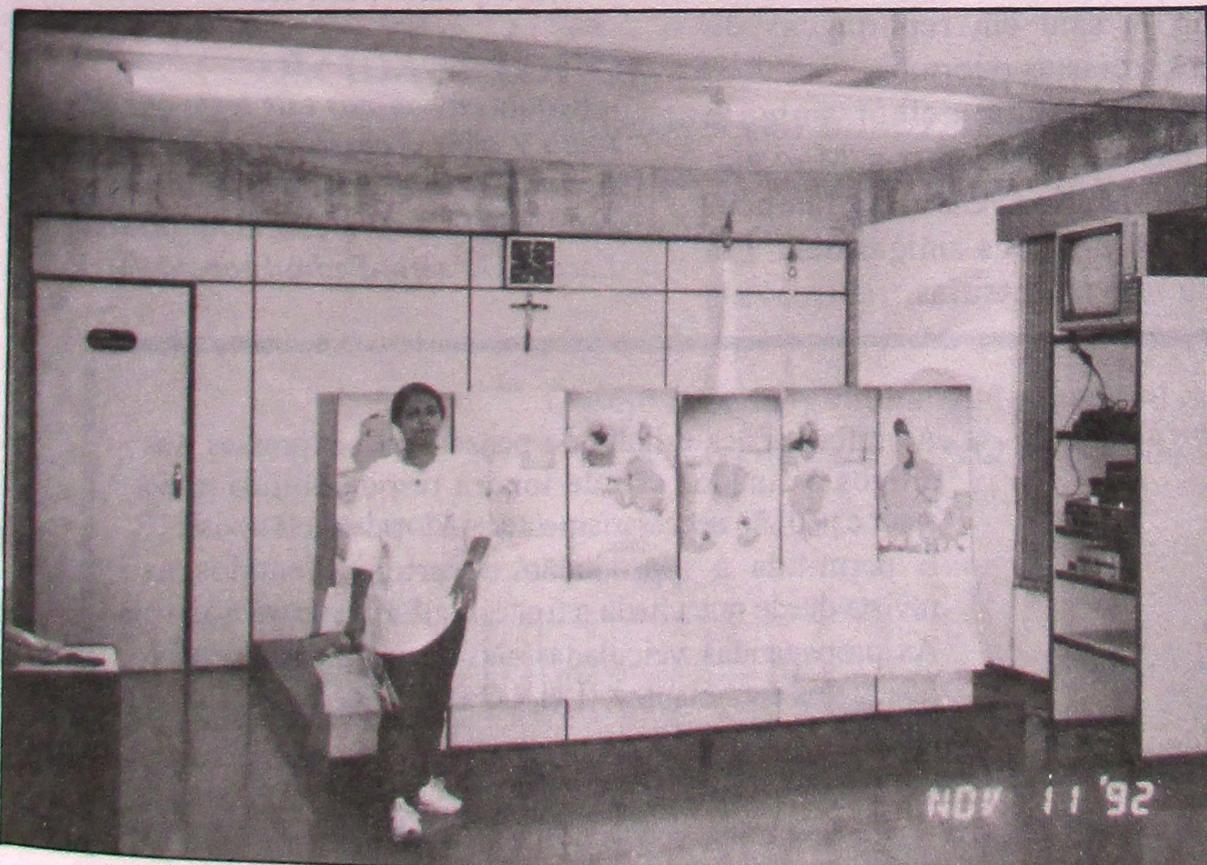
Hora do Conto: momento de penetrar no mundo encantado das histórias

Ao final de cada ano, os responsáveis pela sala de leitura da Editora Ática lançam um concurso de redação para as escolas que visitaram o local durante o ano. Desse modo, crianças de 1.^a à 4.^a série produzem uma redação sobre determinado tema, e seus

trabalhos são submetidos ao julgamento de uma comissão da própria Ática. Só no ano passado, cerca de 3 mil redações foram inscritas no concurso.

Os alunos da Pré-Escola também participam de um concurso só que, nesse caso, sua contribuição é através de desenhos e não há julgamento: todos recebem um certificado da editora.

Os interessados em conhecer melhor a sala de leitura devem telefonar para (031) 467-4695 e falar com Tânia ou Beatriz. As vagas para visita estão lotadas até novembro, mas novas excursões já estão sendo marcadas. As monitoras da Ática vão até as escolas e oferecem todas as explicações sobre o trabalho realizado na editora.



No auditório é Hora de Teatro, sob regência da monitora Tânia

EXTRA CLASSE

ALGUÉM ESPECIAL

Renata Simmons Costa

Estamos comemorando o Mês do Excepcional, e eu, como tantas pessoas, tenho uma história para contar.

No dia 21 de junho de 1983, quando eu ainda morava em Uberlândia, nasceu a minha irmãzinha. Ela era um pouco diferente de nós, porque tinha os olhinhos puxadinhos como japonesa e era molinha; mas era também um amor, carequinha, tinha a pele cor-de-rosa e adorava dormir.

Logo, o médico falou para a mamãe que ela era excepcional, pois tinha uma doença chamada Síndrome de Down. Eu entendi que essa doença não era contagiosa, não tinha cura, mas tinha tratamento. Eu não sabia, mas a mamãe me explicou que essa doença atrasa o desenvolvimento e a pessoa tem mais dificuldade para aprender as coisas, mas vai aprender, e com paciência e carinho a gente faria dela uma criança feliz. Então, ao invés de excepcional (que é um nome muito feio), ela ficou sendo a nossa bonequinha especial.

Todas as crianças especiais precisam de tratamento desde cedo, e eu me lembro da mamãe levando a minha irmãzinha todos os dias para a APAE, que é uma escola especializada para crianças portadoras de qualquer tipo de deficiência, e com isso ela foi desenvolvendo. Aprendeu a bater palminha, engatinhar, pular, e quando fez um ano já sabia andar, mas falava tudo errado.

Com isso, eu passei a entender que os excepcionais, que muita gente tem medo (já vi pessoas atravessarem a rua para não passarem perto de um) são como a gente, alegres, carinhosos, amigos e incapazes de fazer mal a quem quer que seja, só que têm dificuldade de se fazerem entender.

Minha irmãzinha fazia ioga e era tão desenvolvida que seu retratinho já saiu em reportagens de livros, revistas e jornais.

Ela era minha melhor amiga e minhas amigas como a Mariana, Flávia, Marina, Carolina também eram as melhores amigas dela. Ela fazia mil travessuras, rabiscava a

parede, meus deveres, fugia de casa de velocípede e achava a maior graça. Uma das coisas que ela mais gostava de fazer era dar um beijinho na pontinha do meu nariz e falar: "Eu te amo".

No Jardim Melo Viana, onde ela estudava, todos a conheciam e adoravam ajudar quando ela tinha alguma dificuldade.

Convivendo com Adriana eu aprendi que, quando uma pessoa especial precisa de ajuda, é muito importante ser ajudada, pois assim ela sente que não está sozinha, que tem sempre uma pessoa amiga ao seu lado para ensinar o que é certo.

A gente também brincava de casinha e ela adorava cuidar de mim, fingindo ser minha mãe. A gente também brincava de Xuxa, de pegador, de escolinha e o que ela mais gostava era fingir que cantava no microfone. Tudo que ela sabia foi ensinado com muito carinho, muita paciência e muito amor por mim.

Mas, um dia, Jesus achou que já era hora da minha irmãzinha virar uma "anjinha especial"! Eu sinto muita falta e muita saudade dela, mas quando olho para o céu e vejo aquela estrelinha mais brilhante, eu sei que é ela olhando por mim, porque sei que eu era também muito especial para ela.

• • •
- Renata enviou-nos este texto quando tinha 9 anos e cursava a 3.^a série na Escola Estadual São José. Atualmente, está com 13 anos e estuda no Instituto Lacoan, 7.^a série-Pedro Leopoldo/MG.

370.5 Minas Gerais - Fundação AMAE para Educação e Cultura

ASS AMAE, 1994

44 p. ilustr. (Ano XXVII - n.º 245)

Quadri-semestral

1. Educação - Periódicos. 2. Brasil. I. Título

AMAE educando

Agosto/94

As informações e linha de pensamento expressas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade do autor e não são necessariamente as adotadas pela revista. É permitida a reprodução de artigos contidos na revista desde que citada a fonte, conforme prevê a lei. As propagandas veiculadas são de inteira responsabilidade dos anunciantes. (Lei 4.680 de 1965)

**Reserve já o seu lugar
neste grupo de escolas
que vai revolucionar o
ensino deste país !**

**PROJETO NOVO RUMO
DE EXCELÊNCIA PEDAGÓGICA DE 1º GRAU**

**SOMENTE 100 ESCOLAS DE TODO O
BRASIL PARTICIPARÃO DO PROJETO.**

. Material didático moderno e atualíssimo de Pré-escola e 1º grau, que levará a marca da sua escola.

. CECAP - NOVO RUMO - Centro de Capacitação Pedagógica em Belo Horizonte em pleno centro nobre, com 1000 m² de área construídos especialmente para receber o corpo docente da sua empresa e qualificá-lo para o projeto.

DECIDA-SE LOGO:

*Os contratos serão finalizados até 30 de setembro de 1994.
A 1ª Etapa da Assessoria aos professores será iniciada em
21 de outubro de 1994.*

Desejo receber gratuitamente material demonstrativo da
tecnologia NOVO RUMO de ensino

Nome: _____
Escola: _____
Endereço: _____
CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____
Telefone: _____ FAX: _____

Recorte e envie este cupom para:
NOVO RUMO EDITORA
Rua Timbiras, 2040 - Centro
30.170-191 - Belo Horizonte - MG
Tels: (031) 271-1007/271-2150
FAX: 271-2150

EM BUSCA DA IDENTIDADE

implementação de um projeto pedagógico

*O projeto pedagógico pode ser a base do sucesso de uma escola.
Para elaborá-lo com competência, os educadores devem pesquisar, aguçar o senso crítico e estabelecer uma troca de informações com outros especialistas e a comunidade.*

Simone Corrêa Costa*

Arquivo Educação Criativa

Uma escola deve ser construída sobre uma base curricular bem-estruturada. De maneira objetiva, os especialistas devem conhecer a proposta a nível filosófico, sociológico e psicológico que subsidia a linha pedagógica divulgada de maneira mais explícita.

Diagnosticar as idéias filosóficas, psicológicas e sociológicas que, na maioria das vezes, se encontram implícitas, é uma tarefa de pesquisa, entretanto somente os educadores com espírito de investigação farão uma leitura criteriosa da sua realidade para, posteriormente, conseguir selecionar ou adequar novos projetos à sua escola.

A modernidade tem contribuído no sentido de levar a informação de forma eficiente para o nosso amplo território. Através de encontros, cursos, palestras, jornais, periódicos, revistas, livros, as experiências educacionais atravessam o Estado e o País. Preocupa-me, pois, saber se os educadores desenvolveram e ampliaram sua percepção do mundo na mesma proporção que os meios de comunicação intensificaram sua influência.

A análise da grade curricular, o processo de aquisição do conhecimento, a forma de disciplina, a ação da escola, o papel da educação, do professor e do aluno, são importantes para a compreensão das relações de poder, da tomada de decisão e da corrente pedagógica que fundamenta a existência de determinada escola.

Movidos pela vontade de aperfeiçoar, os educadores agem como frequentadores de liquidação pedagógica. Estimulados pela curiosidade e oportunidade são impulsionados a trocarem xerox, experiências, comprem



*“Operárias” do projeto pedagógico
agradecem a colaboração da
comunidade de Ipatinga*

livros, brinquedos e materiais na intenção de atualizarem e elevarem o nível de qualidade de seus trabalhos. Movidos pela ideologia do consumo, partem para uma ação sem planejamento prévio. Ainda mais grave: sem conhecimento sobre a sua realidade. Isto tem contribuído para a perda de identidade das escolas. Cada educador vai emendando um pedacinho e a escola transforma-se numa colcha de retalhos.

É oportuno salientar que novas propostas, novas experiências só se tornam significativas a outras realidades quando passam na “malha fina” da sua “base curricular”. Coerência, pertinência e ligação fazem uma

* Diretora Pedagógica da Escola Educação Criativa - Ipatinga/MG
Professora do Instituto Católico de Minas Gerais-Coronel Fabriciano/MG

estrutura educacional sólida e com identidade forte. Sem isto é pouco provável que um novo projeto seja bem-sucedido. Certamente, as escolas que se enquadram neste contexto são submetidas à pesquisa teórica coerente para moldar uma proposta pedagógica bem-delineada. Mesmo não sendo possível atingir a proposta idealizada na sua totalidade, ter-se-á sempre a consciência do quão afastado se está dela. E mais: saber-se-á onde buscar recursos e prever de maneira bastante razoável o resultado das decisões e das omissões.

Foi desta maneira que a Escola Educação Criativa iniciou suas atividades há dez anos, numa perspectiva libertadora e de qualidade. Valorizando a inventividade, a vontade, a solidariedade, a liberdade, a transparência, a autonomia e a autoridade que se constrói na ação do dia a dia, esta escola foi ganhando credibilidade na comunidade e na cidade.

A escola, que tinha projeto pedagógico bem-elaborado e que exigia estrutura física adequada e habilidades humana e política específicas, foi instalada numa área de 4.000m². Esta área foi cuidadosamente preparada, ao longo do tempo, e, hoje, consiste em: pomar, horta, quadra, parques de diversão, pátios gramados, laboratório, sala de artes e nove salas de aula funcionando em dois turnos.

Hoje, consideramos que atingimos a maturidade, a escola está funcionando muito próxima daquilo para que foi projetada, mas a consolidação do projeto não foi fácil. Foi um trabalho progressivo que abrangeu basicamente três dimensões que não podem ser facilmente divididas no tempo, mas na ação. São elas:

- Divulgação da proposta pedagógica
- Conquista da democracia
- Integração da escola e comunidade - ações internas e externas

Além disso, temos dado muita atenção às comunicações e fazendo-as de uma maneira muito específica.

Divulgação da proposta pedagógica

O sucesso de um projeto depende do envolvimento de todos, para isto duas coisas são necessárias: entendimento e vontade. Sabedores de que, sem entender, ninguém pode se envolver, a Escola Educação Criativa vem, ao longo do tempo, refletindo com e informando todo o corpo docente e discente.

Internamente, adotou-se a formação de grupos de estudos, sendo o tema a ser estudado previamente pesquisado pelas professoras que compõem o grupo. Normalmente são temas de interesse para o aprimoramento do trabalho cotidiano: disciplina, avaliação, etc. Realizamos também estudos

em conjunto com professores de escolas da rede pública municipal e com alunos/professores do Curso de Pedagogia do Instituto Católico de Minas Gerais. Além disso, convidamos psicólogos, médicos, dentistas, administradores e professores de outras escolas para ministrarem palestras para o nosso grupo de profissionais e pais interessados.

As reuniões coletivas têm gerado momentos ricos em aprendizado. Proporcionam oportunidade para trocas de idéias sobre o trabalho e para ampliar o conhecimento sobre as limitações individuais e coletivas. Promovem autoconhecimento e respeito mútuo.

Paralelamente, a escola desenvolve um trabalho educativo com os pais, que consiste basicamente de: palestras, comunicações escritas e avaliações semestrais.

As palestras são realizadas considerando-se solicitações e necessidades dos pais. São temas na área de educação de filhos: saúde, desenvolvimento da criança, formação de hábitos, etc. Convidamos também os pais interessados no projeto pedagógico da escola a participarem de palestras e encontros fora dela. As comunicações escritas têm por objetivo esclarecer e enfatizar aspectos relevantes às situações que surgem no dia a dia ou questões que possam, de alguma maneira, contribuir para elevar o nível dos nossos trabalhos.

No final de cada semestre, todos os pais preenchem uma avaliação, onde são livres também para apresentarem suas críticas e sugestões. Aplicamos tudo que é possível e compatível com a proposta da escola; sugestões e críticas não - aplicáveis são justificadas imediatamente.

Toda esta ação culminou com o Conselho de Pais e Mestres da Escola, instituído em 1991, em assembléia.

Pais, funcionários e crianças unidos pelo mesmo objetivo

Arquivo Educação Criativa



No ano de 1992, as atividades do Conselho limitaram-se a estudos e acompanhamentos das atividades escolares. Foram convidadas pessoas conceituadas na cidade para falarem sobre temas como: “Ser e ter, o que é participação?”, “Valor da religião”, entre outros. Atualmente o Conselho de Pais e Mestres é constituído de três sub-grupos: Comissão Pedagógica, Comissão Administrativa e Comissão Social.

Na prática, o Conselho representou um grande avanço na democracia interna, uma vez que sua atuação vem se tornando mais ativa e significativa, embora reconheçamos que este trabalho está apenas começando. Ainda são necessários muitos acertos.

Hoje, consideramos que a proposta pedagógica da escola está satisfatoriamente divulgada e compreendida. Consideramos que este foi um passo fundamental para garantir uma participação madura e eficaz de funcionários e pais, pois o que se deseja é uma construção coletiva de um ambiente escolar aberto, criativo e participativo.

Conquista da democracia

A escola deve atender às expectativas dos professores, dos alunos e da comunidade na medida que desempenha suas funções coerentes ao seu projeto geral de trabalho. A missão da escola deve representar harmoniosamente os interesses principais da comunidade.

Uma escola mais democrática é o sonho dos professores, especialistas e alunos. O entrave, no ponto de vista deles, é o diretor ou outro que ocupe uma posição semelhante.

A comunicação e o confronto de idéias contribuem para a construção da identidade do grupo



Arquivo Educação Criativa

Vendo e analisando os fatos sob outro ângulo, percebo que o desenvolvimento da democracia é retardado pela falta de unificação da vontade do próprio grupo. O desejo comum que une as pessoas num mesmo estabelecimento de ensino é o de exercer uma atividade digna e remunerada. Este é o desejo básico. Os demais são coincidentes, específicos e pessoais.

O professor pode ter uma ação que o remeta à conquista da democracia, mas não é este o seu maior desejo. É um desejo secundário. Suas maiores preocupações estão voltadas para a aquisição do conhecimento técnico e para o aprimoramento de suas relações interpessoais e afetivas dentro da escola. O desenvolvimento da democracia interna exige mais do que dedicação, exige disposição para enfrentar situações de conflito em que interesses pessoais precisam ser contrariados em benefício da justiça. Essa disposição, no entanto, não ocorre com a frequência necessária nas escolas. Assim, a democracia vai ficando para depois, apesar de ser o professor o mais beneficiado por ela.

O diretor, em nossa escola, contribui para a promoção de um clima agradável no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, entende que o conflito ou as controvérsias servem como oportunidade para o crescimento emocional e intelectual do grupo. Por isso favorece uma comunicação efetiva que valoriza o confronto das idéias e dos valores individuais num clima fraterno e de respeito, sem deixar de estimular o estudo técnico e a compreensão de que as ações produzem reflexos sobre os outros. Cabe ainda ao diretor divulgar, na escola, todos os dados com transparência. Transparência é um passo fundamental para a democracia. Sem ela não há democracia, embora o inverso não seja verdadeiro. A transparência é um instrumento de informação e a democracia, de ação. A transparência depende mais da direção da escola e a democracia, de todos. No que se refere à transparência, a Escola Educação Criativa vem dando passos progressivos. Destacam-se:

- critérios para avaliação estabelecidos coletivamente no início do semestre;
- avaliações coletivas individuais (bimestrais);
- definição de atribuições de cada funcionário, inclusive dos diretores;
- metas de trabalho definidas por área de ação;
- relatório financeiro contendo todos os dados especificados;
- divulgação, em quadro-de-avisos, de toda informação relevante para o grupo, (artigos em jornal, chamada para cursos e publicação de trabalhos, etc.);
- ambiente com liberdade total para expressão de idéias, críticas e sugestões;
- criação do grupo de pesquisas e desenvolvimento coordenado por uma professora, com poderes para interferir em qualquer assunto da vida escolar.



Arquivo Educação Criativa

Projetos contratados

Biblioteca Viva

Propõe uma integração entre as diversas disciplinas, dinamizando o hábito do estudo, a fixação dos conteúdos, o raciocínio crítico e reflexivo, através de leituras. Estimula e amplia o interesse pela leitura e escrita através de diversas atividades relacionadas a técnicas de pesquisa, utilização da biblioteca, confecção de livros, jornais, revistas, etc.

Folclore Estrangeiro

Para enriquecer os conteúdos do assunto Folclore são oferecidas a todos os alunos experiências relacionadas ao folclore estrangeiro. Nesta oportunidade, o aluno tem acesso a outras culturas, vivenciando hábitos, cantando ou confeccionando objetos específicos do Japão, Estados Unidos, etc.

Viagem ao Corpo Humano

Num esforço muito especial, a escola se transforma num imenso laboratório onde enfatiza o valor da VIDA. Equipamentos e professores diversos são solicitados às universidades e escolas da região.

Oficina de Números

Brincando, todos os alunos são desafiados a raciocinar logicamente, analisar, sintetizar e calcular de forma diferenciada, através de dinâmicas, jogos, manipulações de objetos e muitas situações práticas relacionadas ao cotidiano.

Teatro e Cultura

Em forma de eventos especiais todos são convidados a assistirem a espetáculos diversos e estimulados a refletirem sobre a arte e seus vínculos com a sociedade.

Laboratório de Artes

Com atividades predominantemente lúdicas, a criança é estimulada a se expressar de várias formas artísticas através da música (sons, ritmos, rimas, versos, etc.), da plástica (colagem, modelagem, dobradura, pintura, etc.) e da cênica (teatro, dança, fantoche, mímica, etc.).

Através destas experiências, o corpo docente da escola aprimorou sua visão de Educação. Ficou mais claro, para todos, nossas potencialidades e limitações tanto a nível individual como coletivo. Ficou claro, também, para todos, que um projeto pedagógico tem que ter articulações com a comunidade e com profissionais da área, que atuam em outros locais. Foi possível detectar, com mais clareza, pontos cuja prática afastava-se da proposta pedagógica da escola e as ações para harmonizá-los a ela. Em suma, constatamos na prática que as melhores oportunidades estão fora do âmbito escolar. Agindo fora, entendemos melhor a nossa organização, aprendemos! E aprendendo, agimos melhor.

Apesar do empenho da direção da escola em agir e incentivar ações com transparência, não se pode dizer que a democracia já esteja sendo exercida. Constatamos, na prática, que a passagem da transparência para a democracia não é automática. Na hora de tratar as questões polêmicas e tomar decisões capazes de introduzir as transformações necessárias ao avanço da eficácia e da justiça, há a predominância do individual ou do corporativismo de grupos sobre o coletivo geral da escola.

A escola, entretanto, insistirá na transparência até que a democracia se desenvolva e amadureça em nosso meio.

Integração da escola e comunidade

Entendendo que um estabelecimento de ensino não pode existir fechado em si mesmo, mas atuando como um sistema em permanente interação com o meio externo, passamos a enfatizar a realização de trabalhos na escola por pessoas de fora e ao mesmo tempo nos colocar disponíveis para atuações extra-escolares. Estas atuações aconteceram através de solicitação de pessoas e entidades. Ao mesmo tempo, contratamos projetos já existentes ou desenvolvidos especificamente para a escola. As principais ações desenvolvidas foram:

- palestras para o grupo de creches da rede municipal de educação (Correntes Pedagógicas, Agressividade, Desenvolvimento Infantil, Literatura, etc.);
- apoio na reorganização de diversas creches da rede pública e de tradições religiosas;
- palestra sobre Qualidade em Educação em escolas da rede pública;
- palestra sobre Qualidade em Educação no 1.º Encontro de Pedagogia - ICMG - Coronel Fabriciano/MG.

Bibliografia

- CAMPOS, V.F. Controle da qualidade total (no estilo japonês). Belo Horizonte: Fundação Christiano Ottoni - Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Engenharia - 2ª edição.
- FREIRE, P. O processo educativo. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HERSEY, P. & BLANCHARD, H. Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas de liderança situacional (Management of organization behavior utilization human resources). Trad. Eduwono A. Rayer, E.P.V., São Paulo, 1986.
- TRALDI, L. Currículo. São Paulo: Atlas, 1987.

Plantão IAC

Informativo do Instituto AMAE da Criança

“Autonomia, meta da nossa proposta de educação. A criança ser capaz de pensar e agir sem que o adulto interfira, pensando ou agindo por ela.”

Podemos dizer tudo isto com facilidade, porém, do falar ao fazer, há uma grande trilha a percorrer. Nossas crianças pequenas chegam à escola, de uma certa forma, como bichinhos acuados, com medo de tudo — do novo, do diferente, das coisas e das pessoas que não conhecem. Este fato ocorre, às vezes, não só com os pequeninos, mas com os maiores também. Porém, aos poucos, eles vão se adaptando e a interação grupal proporciona uma visão diferente da escola.

Aqui, no IAC, a criança tem seus direitos garantidos, principalmente: **ser tratada como criança** — um ser que pensa, tem vontade própria e que deseja ou não participar de atividades propostas pelo grupo, pela professora ou pela coordenação. Discorda, discute e participa de maneira crítica. E como esta prática é difícil!

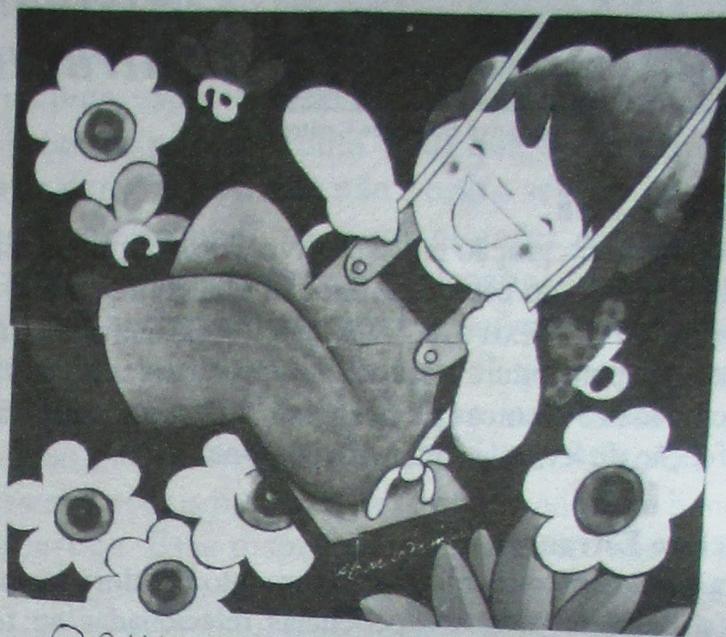
A criança incorpora rapidamente seus direitos, mas demora a assimilar os deveres como: cordialidade (por favor, desculpe, com licença, obrigado); ouvir com atenção; esperar sua vez de falar; guardar o que usou; limpar o que sujou; conservar seus pertences, os dos colegas e os do IAC; fazer dever de casa, do seu jeito e sem a interferência do adulto, manusear os livros com carinho e outros mais.

Os direitos e deveres são construídos lado a lado em uma trajetória muitas vezes árdua.

Há um aspecto que dificulta esta busca da autonomia. É a diferença na relação da criança com os pais e, desta mesma criança, com a escola. Normalmente os pais tratam-nas como se fossem bebês, mais novas do que realmente são, sempre dispostos a satisfazer-lhes as vontades, carregando-lhes os pertences e/ou até invertendo os papéis, obedecendo as ordens dos pequenos tiranos.

Muitas vezes me espanto ao assistir cenas em que crianças tão sabedoras de seus direitos, tão reivindicadoras e críticas se comportam com os pais aos berros, fazendo birras, batendo os pés e dizendo: “Mas eu quero”. Diante disto me pergunto: onde anda o caminho da autonomia, do senso crítico, do saber o que pode e o que não pode, dos “combinados”?

Essas mesmas crianças que carregam e colocam suas mochilas e merendeiras no lugar, observando seus nomes, e que mesmo que alguém queira ajudar respondem, como Bárbara (2 anos): “Não, eu sozinha”. A atitude do Emanuel (5 anos) após a produção de um texto, ao escrever: “Detesto obrigação” ou a Daniela (6 anos) que insistiu em deixar em seu texto o título “O gangorro”. Mesmo sabendo que a palavra que está no



O GANGORRO ^{POZ DANIELA NÃO CONCORDOU COM A GRAVURA}

OMEI NINO ESTAVA EM CIMA DO GANGORRO BRINCANDO FELIZ TODA VIDA, CHEGOU A NOITE, E QUANDO ELE DORMIU

dicionário é gangorra, argumentou que seu título estava melhor por ser a gravura de um menino gangorrandando.

As crianças da turma da Tânia não permitem que os adultos façam parte de seu grupo e nas divisões de seus doces (que elas fazem em sala de aula) só as crianças contam e a professora entra quando a divisão deixa resto. Se a divisão der exata, a professora recebe doces de cada um, mas não como elemento do grupo.

Poderíamos discorrer sobre vários episódios que fazem parte dessa escalada para a educação pela autonomia e, cada vez mais, observamos que há uma discrepância entre a ação da família e da escola em relação à criança. É como se a criança, na escola, fosse mais “crescida”, mais dona de si, sem precisar a cada instante recorrer ao adulto para agir em relação a cuidados com seu corpo e vestuário; nos conflitos com seu grupo; na construção cognitiva de suas hipóteses.

Será que essa dicotomia entre ambiente escolar e familiar poderia ser menos evidente?

— Caro educador, ao terminar de ler este relato, gostaria de saber sua opinião. Mande sua correspondência para o Instituto AMAE da Criança: Av. Bernardo Monteiro, 861 — Santa Efigênia — CEP 30150-281 — Belo Horizonte/MG

Maria da Anunciação Duarte Carvalho
Coordenadora Pedagógica do Instituto AMAE da Criança — Belo Horizonte/MG



CALENDÁRIO

A sua agenda de comemorações

Setembro

10 - Dia da Imprensa

O ato de publicar, pela imprensa, com caracteres gravados já era realizado pelos chineses desde o século VI. Eles também inventaram o papel. Os mesopotâmios, que viviam onde hoje é o Iraque, bolaram uma escrita que ficou registrada em peças de cerâmica. Os romanos utilizavam cartas para se comunicarem com os habitantes das mais distantes cidades. Tudo isso há milhares e milhares de anos.

Entre essas importantes conquistas e a invenção de uma máquina que permitia que um mesmo texto fosse multiplicado por muitos, houve uma época em que as pessoas só se comunicavam pela fala. Isso ocorreu na Idade Média e os livros e papéis eram muito raros. Nos mosteiros medievais, os escritos eram copiados a mão e só pouquíssimas pessoas podiam lê-los.

Um dos mais importantes acontecimentos da comunicação foi a criação de uma máquina que permitia a reprodução em série de documentos e informativos. Foi Johann Gutenberg o primeiro homem a colocá-la em funcionamento, em 1450, época das grandes navegações e de grande progresso econômico na Europa.



GUTENBERG

Johann Gutenberg nasceu na Alemanha no ano de 1398 e morreu em 1468. Ele conseguiu imprimir palavras no papel através de tipos móveis (as matrizes das letras e números). Este sistema é conhecido como tipografia.

A impressora de Gutenberg é um marco na história. Depois dela, tornou-se cada vez maior o número de pessoas que teriam acesso a livros, escritos e, mais tarde, a jornais e revistas.

Graças à impressora foi possível o surgimento da imprensa. A imprensa é o meio de comunicação que tem como objetivo atingir muitas pessoas ao mesmo tempo. Ela é formada por publicações - jornais ou revistas -

que têm um prazo fixo de circulação diário, semanal, quinzenal, mensal ou outros.

A partir da década de 30, surgiram a imprensa falada e televisada, porque o rádio e a tevê alcançaram certa popularidade naquela época. De lá pra cá, o mundo se tornou uma "aldeia global", interligado por antenas parabólicas, jornais em vários idiomas.

Escrita, falada ou televisada, a imprensa tem em comum a divulgação de informações, comentários, imagens e outros recursos visuais sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo. Essas informações devem ser, de preferência, de interesse para a vida das pessoas e da sociedade. Pela sua intervenção, faz-se propaganda dos bons gêneros, espalham-se conhecimentos, advoga-se, anunciam-se os princípios e as idéias.

Primórdios da imprensa brasileira

A Imprensa Régia foi a primeira tipografia brasileira. Ela foi criada em 13 de maio de 1808, por D. João VI, com os prelos trazidos com a fuga da corte portuguesa. Em 10 de setembro de 1808, foi fundada a Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal do país, chefiado por Frei Tibúrcio José da Rocha. Circulava toda semana, tinha quatro páginas e publicava exclusivamente documentos oficiais, além de uma espécie de coluna social com as notícias do estado de saúde de todos os príncipes da Europa.

No dia 1.º de junho de 1808, Hipólito José da Costa fundava, em Londres, o Correio Braziliense ou Armazém Literário. Ele fundou o jornal em Londres porque não aceitava a censura da corte portuguesa. Hipólito e os portugueses tinham diferenças políticas. Mas nem a independência, em 1822, significou o fim da censura prévia. A imprensa brasileira, bem como a de todo o mundo, sempre esteve muito ligada às brigas políticas.

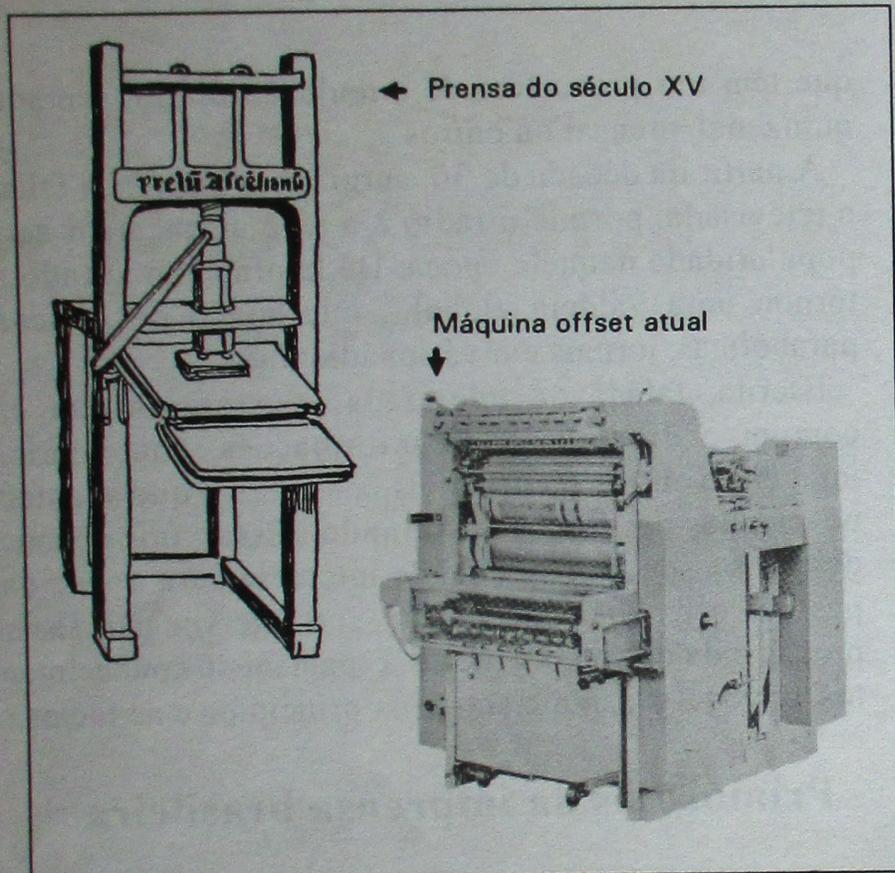
O primeiro jornal diário brasileiro foi criado por Zeferino Vitor Meirelis, que desempenhava sua função na Imprensa Régia e onde, por permissão do Príncipe Administrador, imprimiu as primeiras unidades do seu jornal com o nome "Diário do Rio de Janeiro" que surgiu no dia 1.º de junho de 1821.

Dentre os famosos jornalistas brasileiros, destacamos: Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Evaristo da Veiga, José do Patrocínio, Ferreira Viana, Assis Chateaubriand, etc.

A impressão

Embora resultem ambos na reprodução de uma imagem, há diferenças essenciais entre os atos de *copiar* e *imprimir*.

Enquanto o primeiro visa a produzir apenas um exemplar após uma operação completa, o segundo tem como objetivo obter simultaneamente numerosas réplicas da mesma imagem. De modo geral, a *cópia* pressupõe a preocupação com a qualidade da reprodução,



enquanto na *impressão* o que mais importa é a quantidade de reproduções a ser obtida.

A técnica fotográfica exemplifica perfeitamente o primeiro caso. A partir de um negativo podem ser feitas várias cópias em papel; cada uma delas, porém, é iniciada e finalizada totalmente por um processo que se inicia e tem fim em cada exemplar obtido. Não é o que ocorre normalmente no caso da impressão de um jornal, quando então se monta um complexo processo, cuja finalidade é a obtenção de milhares de exemplares.

Quatro elementos — Quando qualquer pessoa aplica um carimbo de borracha em diversos papéis, na verdade está executando um ato de impressão, na sua acepção mais simples.

Nem por isso, entretanto, ela deixa de usar os mesmos elementos e percorrer as mesmas etapas fundamentais, que caracterizam, por exemplo, a complexa impressão de uma revista a cores.

Há quatro elementos essenciais que intervêm no ato de imprimir: a tinta, o papel, a prensa e a matriz. Os dois primeiros, como matérias-primas; os outros dois, como

instrumentos. Assim, seleciona-se o carimbo, cuja camada de borracha traz em relevo a letra, palavra ou figura que se pretende reproduzir (matriz). Aplicando-o sobre a almofada de entintamento, a figura recobre-se de tinta; por fim, pressiona-se o carimbo sobre o papel transferindo a imagem.

Impressão em cores — A reprodução de imagens coloridas por impressão utiliza geralmente três cores mais o preto. Por isso o processo é chamado de quadricromia. As três tintas coloridas são fabricadas com pigmentos nas cores amarelo, ciano (um tom de azul) e magenta (um tom de violeta). Tais cores — chamadas cores complementares ou cores primárias subtrativas — foram escolhidas porque suas combinações, duas a duas, reproduzem as três cores primárias aditivas e, com elas, praticamente todas as outras cores. Assim, a impressão de pontos amarelos misturados com pontos de cor magenta dá a sensação de vermelho; a combinação de amarelo com ciano produz a cor verde; e a de ciano e magenta resulta na cor azul.

Oficinas gráficas — A evolução tecnológica da impressão foi condicionada por uma característica quantitativa. Sempre se deu prioridade à busca de um aumento da velocidade de produção, de forma a conseguir mais exemplares em menos tempo. A preocupação com a qualidade da imagem reproduzida sempre foi secundária.

A necessidade de imprimir cada vez mais rápido levou Gutenberg a inventar os caracteres móveis. Essa mesma necessidade levou os computadores e o raio laser para dentro das oficinas gráficas.

Fontes: Suplemento Programinha - do jornal Hoje em Dia - de 03/10/93
Belo Horizonte/MG
Conhecer/Atual - v. 14 - Nova Cultural Ltda - São Paulo/SP
Pesquisas Atuais - Edições AMÉM - Contagem/MG

CALENDÁRIO - SETEMBRO

- 5 — Dia da Amazônia
- 7 — Dia da Pátria
- 8 — Dia Internacional da Alfabetização
- 10 — Dia da Imprensa
Dia da Fundação do 1.º jornal do Brasil
Dia do Jornalista
- 18 — Dia da Criação dos Símbolos Nacionais
- 21 — Dia da Árvore
Dia da Agricultura
Dia do Fazendeiro
- 22 — Dia da Juventude do Brasil
- 23 — Início da Primavera
- 25 — Dia do Rádio
- 27 — Dia do Ancião
- 30 — Dia da Secretária
- Último domingo do mês — Dia da Bíblia

SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

1) – Cada aluno trará para a sala de aula um jornal que será analisado, com o acompanhamento da professora, nos seguintes itens:

- nome do jornal, informações anexas a ele;
- presença de índice – sua localização na publicação, forma de apresentação, utilidade;
- número e nomes dos cadernos;
- número e nomes das seções;
- suplementos – anotar seus nomes e de que assuntos tratam. Eles aparecem em todos os dias da semana?
- presença ou ausência de expediente e editorial;
- manchetes e títulos – até que ponto chamam sua atenção e o convidam à leitura. Eles resumem bem a matéria?
- diversidade da linguagem usada – tipos e porque acontecem;
- presença de “leads” ou chamadas entre títulos e reportagens, artigos, crônicas, notícias, etc. Que função você acha que podem ter esses “leads”?
- cartas, anúncios, propagandas, como aparecem?
- fotos, ilustrações ou outro recurso – que função têm no texto? Com que intensidade aparecem neste jornal? As fotos também informam?
- graficamente, como lhe parece este jornal? Observar os diferentes tamanhos e formas de letras, colunas, a tintagem, etc.

2) – Dividir a turma em 5 grupos. Cada grupo deve procurar em jornais ou revistas diferentes, 3 notícias:

- 1.º grupo: internacionais;
- 2.º grupo: culturais;
- 3.º grupo: políticas;
- 4.º grupo: sociais;
- 5.º grupo: econômicas.

Após analisar as 3 notícias, cada grupo montará uma seção de um jornal, com notícias sobre o assunto estudado.

3) – Tirar de um jornal:

- a) – 2 notícias que deturpam a realidade;
- b) – 2 notícias que denunciam situações adversas: ilegalidade, corrupção, miséria.

4) – Recortar uma matéria de um jornal ou revista e dar outro título para ela.

5) – Criar textos a partir de manchetes interessantes recortadas.

6) – Recortar frases de impacto e criar um poema, mensagem, propaganda ou crônica.

7) – Procurar, num jornal ou revista, uma notícia sobre pena de morte, extermínio de menores, escolha de um candidato à presidência da república ou outro assunto polêmico qualquer. Discutir em grupos, formando opi-



niões. Montar um júri simulado onde tais assuntos sejam julgados.

8) – Assistir ao “Jornal Nacional” e ao “Aqui, Agora”. Comparar os dois e analisar as diferenças entre eles.

9) – Trazer, para a sala, um texto literário e outro jornalístico. Apontar as características de cada um, analisando as diferenças entre eles.

10) – Com base na leitura e análise dos jornais e revistas, dividir a classe em 5 grupos. Cada grupo deverá montar a primeira página de um jornal com nome para ele, preço, manchetes que poderiam sair naquele dia, uma chamada para cada caderno, ilustrar com fotos recortadas de outros jornais, charges, etc. Levar a primeira página de um jornal como modelo.

11) – Produção de texto: Qual é o papel da imprensa? Os jornais e revistas analisados estão cumprindo bem esse papel?

12) – Organizar, na sala, um jornal escrito e outro falado. Fazer um concurso para a escolha do nome. Consulte as seguintes revistas AMAE educando:

- n.º 231/out.92 – p. 40/43 – Dia do Jornalismo
- n.º 216/nov.90 – p. 29/30 – Utilize o jornal na sala de aula
- n.º 205/agosto 89 – p. 42/43 – Quando as notícias correm em sala de aula.

13) – Discussão: que vantagens pode trazer, para você, a leitura de jornais?

Atenção: notícias podem ser usadas também para construir gráficos e tabelas em Matemática, elaboração de problemas, estudo de frações, Sistema de Medidas, etc.

Em Estudos Sociais e Ciências, reportagens e fotos poderão ser usadas para introduzir assuntos novos, montar murais, comprovar fatos, etc.

São inúmeras as possibilidades pedagógicas que o professor pode criar, tendo como base jornais e revistas. ●

Em foco

"EXCEPCIONALIDADE": uma questão de cidadania

Dóris Anita Freire Costa

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG
Professora de Cursos de Pós-Graduação

"Eu pensava que era pobre. Ai, disseram que eu não era pobre, eu era necessitado. Ai, disseram que era autodefesa eu me considerar necessitado, eu era deficiente. Ai, disseram que deficiente era uma péssima imagem, eu era carente. Ai, disseram que carente era um termo inadequado. Eu era desprivilegiado. Até hoje eu não tenho um tostão, mas tenho já um grande vocabulário."

Cartum do humorista Feiffer

No mês de agosto comemora-se o "dia do excepcional".

Ao se falar de criança "excepcional", nada mais pertinente do que os dizeres do cartunista Feiffer, acima mencionados, pois esta criança sofre em sua pele, mais do que qualquer outra, os estigmas da rotulação e, como conseqüência, a justificativa da estagnação. Na sua trajetória social já foi chamada de "deficiente", "excepcional", "especial", "necessitada de cuidados especiais", etc., acumulando um vasto vocabulário, que foi utilizado para discriminar, marginalizar, excluir.

A estes vocábulos, entretanto, um outro deveria ser acrescentado, esquecido, talvez, por não enfatizar a exceção. Um vocábulo simples, atual e que não remete à exclusão. Este vocábulo é: **cidadão**. Criança-cidadã que, como qualquer outra, tem direitos e deveres assegurados pela Constituição, entre os quais o direito a "uma educação de qualidade".

Olhar o dito "excepcional" como um cidadão equivale a lhe dar o **que lhe é de direito** e não a ter para com o mesmo atitudes cristalizadas pela sociedade, de piedade, preconceito e descrédito.

É como **cidadão**, ou seja, "indivíduo no gozo dos seus direitos civis e políticos de um Estado" (dicion. Aurélio), que deve ser tratado e respeitado. Todavia, na história da excepcionalidade, constata-se que a sua referência tem sido sempre o "ser deficiente" ou "excepcional". Ser criança, ser humano ou cidadão, sempre ficou num plano secundário. É, também, nesta categoria da "deficiência" que ele (o dito excepcional) se enquadra, se identifica e vai formando o seu autoconceito, produto do conceito que ele goza no seio do seu grupo.

Como educadores, entretanto, é preciso ir mais além: não olhar esta **criança-cidadã** pela ótica da sua "excepcionalidade", pelo que "não tem", pelos seus "limites". É preciso romper com esta postura retrógrada, estagnadora, fruto de uma concepção estática do indivíduo e da inteligência. É preciso olhar para além dos rótulos - numa ótica prospectiva - isto é, olhar "em frente", "adiante"; ver o que esta criança "pode" e o que nós, educadores, "podemos" fazer com ela.

É preciso, enfim, conhecer, apostar e investir nas suas possibilidades e buscar as condições favoráveis para que elas se concretizem, conscientes de que ter "déficits" ou "limites" (como todos nós temos) não impossibilita o indivíduo de aprender, de avançar além do estado em que se encontra, de se desenvolver.

É preciso, ainda - como educador - se educar. Conhecer e se conscientizar dos avanços da ciência com relação aos nossos limites, como as importantes contribuições do psicólogo russo VYGOTSKY (1924-28, 1930, 1984), quando ele diz: "*Todas as crianças podem aprender e se desenvolver.*" "*As mais sérias deficiências podem ser superadas com ensino apropriado*" pois, "*o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental.*" Nas crianças com déficit real deve-se "*desenvolver os sentidos sadios para compensar os que foram perdidos*".

Todos estes conceitos de VYGOTSKY apontam para uma radical mudança frente à criança dita "excepcional", remetendo-nos ao que foi dito anteriormente. Neste sentido, a "deficiência" ou os "limites", caso existam, não podem mais ser usados como "álibi", como justificativa da estagnação, da exclusão, da discriminação, da não-educação e não-integração.

É preciso apostar no ser humano, nas suas possibilidades, na sua educação e na capacidade desta como instrumento de seu desenvolvimento e de transformação social.



Associação Mineira de Ação Educacional
FUNDAÇÃO AMAE PARA EDUCAÇÃO
E CULTURA

Utilidade Pública Estadual - MG - Decreto 12.646 de 22/07/70
- Utilidade Pública Municipal - BH - Lei nº 3.272 de
05/12/82 - Utilidade Pública Federal - DF - Decreto 87.081
de 29/03/82

ENDEREÇO: Av. Bernardo Monteiro, 861 - Belo Horizonte -
CEP 30150-281 - MG - Brasil - Fone (031) 224-5400 - Fax
(031)224-6158 e (031)271-4297

PRESIDÊNCIA: Dalva Cifuentes Gonçalves (Presidente) -
Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado (Vice-presidente) -
Elza de Moura (Secretária)

COLEGIADO: Ajax Gonçalves Ribeiro, Alda Lodi, Arlete
Duarte Silva, Augusto Ferreira Neto, Célia Sanches, Celuta
Noronha, Clara Maria Rodrigues Barbosa, Clélia Maria
Pelizari, Dalva Cifuentes Gonçalves, Elza de Moura, Felipe
Machado Cury, Gilda Pazzini Lodi, Henriette Maria Félix Pena,
Hortência Gatti Queiroga, Leda Botelho Martins Casasanta,
Lúcia Maria Nicodemo Lopes, Magda Maria de Carvalho,
Margarida Magda Michel, Maria Antonieta Bianchi, Maria da
Anunciação Duarte Carvalho, Maria Clélia Botelho, Maria da
Conceição Santiago Teixeira, Maria Auxiliadora Campos
Araújo Machado, Maria Emília Gomes Pereira, Maria Helena
de Andrade, Maria Helena Menezes Carvalho, Maria Inês
Bizzotto Soares, Maria de Lourdes Dias Sampaio, Maria de
Lourdes Esperança Oliveira, Maria Luísa Rocha Amorim, Maria
Odília Figueiredo De Simoni, Maria Vicentina Campos
Carvalho, Marly Moysés Marques da Silva Araújo, Martha da
Cunha Fernandes, Raymundo Nonato Fernandes, Rosa Emília
de Araújo Mendes, Scyomara Ribeiro de Almeida, Sônia
Fruza da Rocha Castilho, Therezinha Casasanta, Vera Lúcia
Pyramo Costa, Vicente Porto de Menezes, Zeni Maria
Drumond.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: Dalva Cifuentes Gonçalves
(Presidente) - Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado
(Vice-presidente) - Elza de Moura (Secretária).

Membros efetivos: Ajax Gonçalves Ribeiro, Elza de Moura,
Maria de Lourdes Esperança Oliveira, Maria Odília Figueiredo
De Simoni, Marly Moysés Marques da Silva Araújo, Martha
da Cunha Fernandes, Raymundo Nonato Fernandes.

Suplentes: Hortência Gatti Queiroga, Lúcia Maria Nicodemo
Lopes, Maria Vicentina Campos Carvalho.

CONSELHO FISCAL: Membros efetivos - Arlete Duarte Silva,
Celuta Noronha, Margarida Magda Michel. Suplente: Zeni
Maria Drumond.

SUPERINTENDÊNCIA: Gilda Pazzini Lodi (Superintendente)

COORDENADORIA DE ESTUDOS E PROJETOS: Célia
Sanches (Coordenadora), Maria da Conceição Santiago
Teixeira. COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES: Vera Lúcia
Pyramo Costa (Coordenadora), Cristina Elizabeth de
Vasconcelos Ministério, Lúcia Maria Alves Murta Dias -

INSTITUTO AMAE DA CRIANÇA - IAC: Magda Maria de
Carvalho (Coordenadora Administrativa), Maria da Anunciação
Duarte Carvalho (Coordenadora Pedagógica)

Diretoria de Finanças e Apoio Administrativo: Scyomara
Ribeiro de Almeida (Diretora), Hermes Andrade Ávila - CRC -
PR 11.593 - T-MG (Contador).

AMAE
educando

Revista editada pela Fundação AMAE para Educação e
Cultura

REDACÃO

Coordenadora de Publicações: Vera Lúcia Pyramo Costa
(Coordenadora) - Cristina Elizabeth de Vasconcelos Ministério,
Lúcia Maria Alves Murta Dias (Produção) - Jornalista
Responsável: Jacqueline Farid Tavares - Registro Profissional
4.418/SJPMG - PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL:
Canal Zero Publicidade - Fone (031)271-4297 - Belo
Horizonte - MG - ILUSTRAÇÃO: Mirella Spinelli

CONSELHO EDITORIAL: Cássio Martinho de Oliveira Soares,
Edmar Henrique Rabelo, José Leão Marinho Falcão Filho, Maria
Auxiliadora Mattos Pimentel, Marly Moysés Marques da
Silva Araújo

ASSINATURAS:

FUNDAÇÃO AMAE PARA EDUCAÇÃO E CULTURA: Av.
Bernardo Monteiro, 861 - Fone (031)224-5400 - Belo
Horizonte/MG - CEP 30150-281 - Canal Zero Publicidade:
Rua Timbiras, 1560 - s/1909 - Lourdes - Caixa Postal 1717 -
Fax e Fone (031)271-4297 - Belo Horizonte/MG - CEP
30140-061 - Carlos A. Teixeira - Geraldo F. de Lima - José
L. da Silva - Sávio D. do Nascimento - Sandra Helena S. de
Jesus - Marise R. de Lima (Alagoas) - Maria V. Dias Leite-

Editora Lancer Ltda.: Altina Teixeira Bottrel, Jaime Machado
Gomes, Luiz Carlos Oliveira, Milton Pereira Andrade, Paulo
José de Moura, Ronan Endrigo Pimenta, Tomaz Edson G.P.
Vale, Paulo Maia de Assis, Renê de Aguiar, Jorge Damázio -
MG - Rua Caetés, 530 s/614 - Fone (031)201-1836 - Belo
Horizonte/MG - CEP 30120-080 - Tupaciguara Serviços:

Rua Bueno Brandão, 643 apto. 102 - Floresta - Fone
(031)226-9924 - Belo Horizonte/MG - CEP 31010-060 -
Adilson Alves Luis - Geraldo Lorenzo de Azevedo - Gilberto
Faria Santos Campo - Hugo Antunes Tavares - Ronaldo
Gonçalves da Silva - AT Representações Comerciais Ltda.:

Fone (027)339-4992 - Vila Velha/ES - Edméia Pinto da
Costa: Fone (092)661-3334 - Manaus/AM - OFINARTES:
Rua Ildelfonso Albano, 1147 - Aldeota - Fone (085)226-8086 -

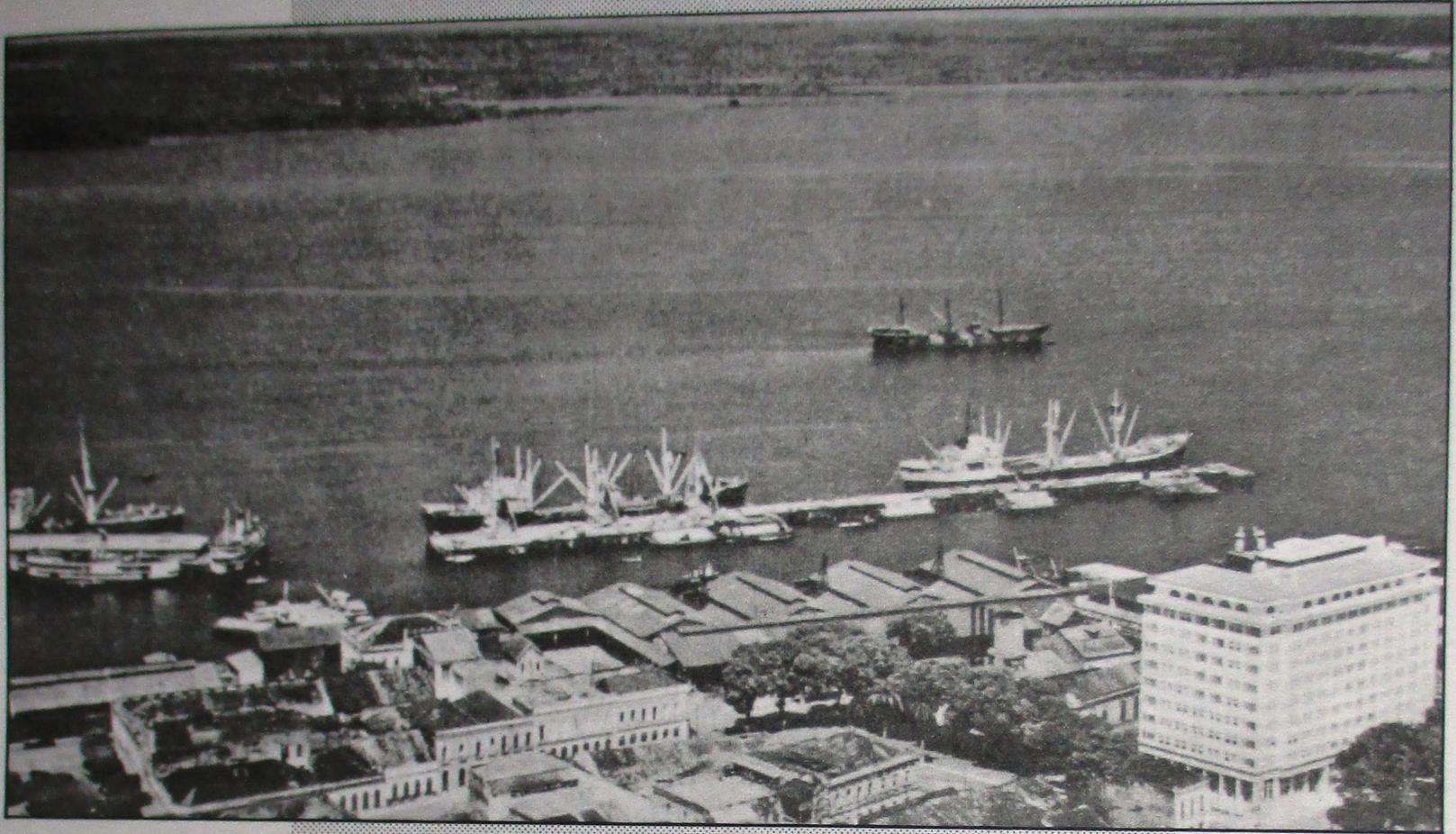
Fortaleza/CE - Sionéia das Graças Oliveira Canela: Fone
(0247)62-4195 - Macaé/RJ - Jorge Ventapane: Fone (021)280-8009

Rio de Janeiro/RJ - Edson Magnus Teixeira: Fone
(021)710-6120 - Niterói/RJ - Maria Eloi M. Bezerra: Fone
(067)421-1760 - Dourados/MS.

Impressão: Gráfica Santa Edwiges - Belo Horizonte

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE ARTIGOS CONTIDOS NA
REVISTA DESDE QUE CITADA A FONTE, CONFORME PREVÊ

Manaus



*SIMPÓSIO: O SABER E O FAZER
NA SALA DE AULA
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora
20 a 22 de julho*



XXVI Encontro Nacional da AMAE

A Fundação AMAE para Educação e Cultura agradece o apoio e a parceria da Prefeitura Municipal de São João del-Rei através da:

Secretaria Municipal de Educação

Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Esporte, Lazer e Meio Ambiente

FUNREI - Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei

Pró-Eventos Assessoria e Promoções Ltda
que, na busca da melhoria da educação brasileira, uniram-se nos

CAMINHOS DO SABER E DO FAZER PEDAGÓGICO